

**Como é que as crianças entendem a
informação jornalística que lhes é dedicada?**

Perceção de crianças de 10 anos sobre o
Programa Informativo Infantil Radar XS

Rita da Silva Tavares

Dissertação de Mestrado em Jornalismo

Março de 2025

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, realizada sob a orientação científica da Professora Catedrática Cristina Ponte.

Agradecimentos

Primeiramente, quero agradecer todo o apoio à minha orientadora, a Professora Cristina Ponte, que desde o primeiro momento mostrou tanta paixão e atenção por esta pesquisa quanto eu. Por todas as sugestões de melhoria, emails respondidos com a maior brevidade e sinceridade, e por todo o incentivo ao longo destes meses, só tenho a expressar a minha gratidão.

Quero também agradecer a todas as pessoas, amigos e família, que ao fazerem parte da minha vida, a influenciaram e, conseqüentemente, também a esta dissertação. No entanto, os agradecimentos mais especiais vão para:

Os meus pais, Maria do Carmo e Sérgio, por estarem sempre orgulhosos e serem uma inspiração de força, equilíbrio e amor. Obrigada por me incentivarem a fazer sempre mais e melhor, me permitirem voar e desejarem que estes voos sejam altos e de grandes distâncias. Os meus maiores apoios, melhores colos e grandes inspirações.

O meu irmão, Miguelito, por ser colega de casa, amigo, companheiro, *sommelier* de chás, técnico de aparelhos eletrónicos e tudo o que é preciso. Obrigada por todos os “reality checks”, aventuras e longas noites de conversas. Aos meus olhos continuas a ser um bebé, mas agora até és um pouco sábio.

O meu namorado, Maxi, que acompanhou toda a montanha-russa de emoções e nunca me fez esquecer do mais importante. Obrigada por me fazeres rir, celebrares todas as vitórias e dividires todas as tristezas (ou dramas).

O meu braço direito e pensamento racional, Lilo. Não podia pedir melhor companheira de vida e a expressão “Das fraldas às fraldas” faz-me rir, mas é aplicável. Obrigada por todos os “estás bem?”, “tenho newsss”, “love you” e todas as outras formas de amor.

À Sara, pelos melhores *study dates*, boleias para todo o lado e os abraços “só porque sim”.

Em coletividade, para as minhas Fotiá, por todos os áudios, festas, reflexões, brindes e amizade inquestionável. A vida adulta fica-nos bem.

Em coletividade, para os meus Pastelitos, por todas as Waffles digitais às quartas-feiras, todo o amor e boas energias.

Em coletividade, às amigas que fiz neste Mestrado. Obrigada pelos nossos jantares e mal posso esperar por celebrarmos o final deste capítulo, juntas!

Quero ainda agradecer à Carla Resende por ser, para além da melhor chefe do mundo, a minha primeira grande amiga adulta. Obrigada por me fazeres “sair da casca”.

Um agradecimento muito especial também à Carla Ribeiro, que desde o primeiro momento se mostrou disponível para me receber. Obrigada por toda a agilidade, confiança e carinho.

Um enorme obrigada às crianças que me ajudaram a levar com esta dissertação para a frente e que me derreteram com os seus desenhos, abraços e os “quando voltas?”. Das crianças mais educadas, curiosas e amorosas que já conheci. Espero conseguir impactar o vosso futuro de alguma forma.

Por fim, quero agradecer à Rita de 7 anos que assim que aprendeu a escrever, nunca mais parou.

**Como é que as crianças entendem a informação jornalística que lhes é dedicada?
Perceção de crianças de 10 anos sobre o Programa Informativo Infantil Radar XS**

Rita Tavares

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo entender como é que as crianças de 10 anos entendem a informação jornalística que consomem e de que forma percebem o programa noticioso Radar XS, para crianças dos oito aos 12 anos. Procura-se perceber de que forma é que as crianças se relacionam com as notícias e como é que o Programa Radar XS se pode reinventar para garantir que alcança o seu público-alvo e cumpra o seu propósito: ajudar na formação e desenvolvimento das crianças, como indica o Artigo 17º da Convenção sobre os Direitos da Criança de 1989.

Palavras-chave: crianças, jornalismo, notícias, informação noticiosa, Radar XS, RTP, perceção

Abstract

This research aims to understand how 10-year-old children understand the journalistic information they consume and how they perceive the news program Radar XS, for children aged eight to 12. The goal is to understand how children relate to the news and how the Radar XS program can reinvent itself to make sure it reaches their target audience and fulfill their purpose: to help in the training and development of children, as indicated in Article 17º of the 1989 Convention on the Rights of the Child.

Keywords: children, journalism, news, news information, Radar XS, RTP, perception

Índice

Agradecimentos	2
Introdução	7
1. Crianças dos oito aos 12 anos em Portugal	9
1.1. Retrato social, familiar e económico	9
1.2. Desenvolvimento psicológico e moral	10
2. O direito à informação: programas de notícias para crianças.....	12
2.1. O Artigo 17º da Convenção sobre os Direitos da Criança de 1989.....	12
2.2. Comentário Geral nº25 sobre os direitos da criança em ambiente digital.....	12
2.3. Jornalismo para Crianças: identificação e características.....	13
3. RTP e Radar XS.....	19
3.1. As Obrigações do Serviço Público - RTP.....	19
3.2. Evolução e características de conteúdos noticiosos para crianças	20
3.3. O Radar XS.....	21
4. Metodologia.....	24
4.1. Composição dos grupos de foco.....	26
4.2. Descrição do episódio observado	27
5. Análise das atividades.....	28
5.1. Leitura dos excertos e identificação das notícias.....	28
5.2. Identificação de Jornalistas.....	28
5.3. O que é notícia e como se relacionam com o Jornalismo.....	30
5.4. Assistir a episódio do Radar XS e debate	31
5.4.1. Grupo 1	31
5.4.2. Grupo 2.....	33
6. Uma semana depois: segundo momento com os grupos de foco	36
7. Discussão	47
Bibliografia.....	53

Lista de Figuras	60
Lista de Tabelas	61
Anexos	62
Anexo I - Cimeira do Clima: activistas manifestam-se em silêncio em Bacu	63
Anexo II – Poema das Árvores.....	64
Anexo III – As Alterações Climáticas & Outras Ameaças Ambientais: ideias incríveis para ajudar	65
Anexo IV - Financiamento contra alterações climáticas "não é uma esmola". Guterres pede "união" dos países na COP29.....	66
Anexo V – O Jogo das alterações climáticas.....	67
Apêndice I – Crachá exemplo	69

Introdução

Esta dissertação de mestrado pretende responder à questão “Como é que crianças de 10 anos entendem a informação jornalística que lhes é dedicada?”, no caso, a perceção das crianças desta faixa etária sobre o Programa Radar XS, da RTP. Será este programa do seu interesse ou responde apenas ao que se acredita que as crianças precisam? Para responder a esta questão principal, foram delineadas as seguintes perguntas de pesquisa:

1. O que entendem as crianças por notícias?
2. Qual é o grau de conhecimento por parte de crianças sobre o programa Radar XS?
3. De que modos as crianças apreciaram um episódio do Radar XS? A que foram mais sensíveis? O que acharam que poderia ser melhorado?

Entender a relação que a criança de hoje tem com o jornalismo é um passo em frente para melhorar os programas que lhe são dedicados e assim ajudá-la a formar-se como um cidadão completo, responsável e consciente. Desta forma, o acesso à informação é “(...) fundamental para o exercício pleno da função de cidadão. São as informações a que se tem acesso que permitem a tomada de decisões e as escolhas, na vida pública e privada” (Dias & Borges, 2012, p. 402).

Nesta dissertação, começa-se por se caracterizar a faixa etária das crianças que o Programa Radar XS tem como público-alvo, oito a 12 anos, de uma forma demográfica, psicológica e moral. Esta faixa etária tem vindo a diminuir gradualmente (Almeida C. , 2023) e caracteriza-se por ser uma fase em que é construída a identidade e personalidade, refletindo diretamente na forma de agir com o mundo, como indicam vários autores como Davis, Kesavelu, Sheela & Abraham.

Segue-se depois um enquadramento sobre o direito à informação noticiosa. Apresenta-se o direito à informação das crianças, tendo por base o Artigo 17º da Convenção sobre os Direitos da Criança de 1989. Numa explicação simples, como que para crianças, este artigo defende que “As crianças devem saber o que acontece no mundo. Por isso, os meios de comunicação (a televisão, a rádio, os jornais e as revistas) devem informá-las sobre estes e outros assuntos do seu interesse. Os adultos devem ajudá-las a compreender o que veem, leem e ouvem.” (Martins & Pereira, 2019, p.15). É ainda explorado o Comentário Geral nº25 na ótica dos Direitos das Crianças no ambiente digital.

Tomando por base estudos realizados em Portugal sobre jornalismo para crianças, procurou-se entender qual a dimensão do jornalismo para crianças, qual o seu formato e características, como já foi feito em Portugal e como está a ser feito agora, uma vez que, atualmente, as crianças têm acesso a novas tecnologias, mais rápidas e de fácil acesso, o que as torna um público mais complexo de analisar e entender (Dias & Borges, 2012).

Por fim, procurou-se aferir as obrigações do canal RTP, onde “a qualidade da programação requer não só um conjunto de valores e de princípios ao nível dos conteúdos, mas também um sentido de responsabilidade para com o público infantil, baseado no cumprimento da legislação existente, na adesão a normas profissionais específicas, bem como no reconhecimento e no respeito de valores e práticas sociais mais amplas da sociedade em que se inserem.” (Pereira, 2005, p.184). Faz-se ainda uma análise ao Programa Radar XS a nível de formato: número de temporadas, variedade de temas, jornalistas envolvidos e envolvimento da diversidade.

Com este estudo, procura-se perceber se o programa jornalístico feito para a faixa etária dos oito aos 12 anos cumpre efetivamente o seu propósito: informar o público infantil para que estes possam criar opiniões sólidas, com fundamento e lógica, e para que tenham um papel ativo, crítico e interventivo na sociedade do futuro (Qvortrup, 2010 in Ferreira, 2023), ideias associadas ao Direito à Informação para Crianças. Para responder a esta questão, procedeu-se à realização de dois grupos de foco com crianças de 10 anos, a faixa etária intermédia que o Programa Radar XS quer atingir.

Prepararam-se dois momentos distintos para estes grupos de foco: uma primeira ação para entender qual a relação destas crianças com o jornalismo e quais as suas opiniões e perceções sobre um episódio do Programa Radar XS; e um segundo momento, uma semana depois, onde se pretendeu entender se o episódio do Radar XS os motivou a assistir a mais, prosseguindo-se uma reflexão sobre jornalismo.

Após a realização dos grupos de foco, procedeu-se ao tratamento e interpretação dos resultados, que permitiu responder à questão inicialmente colocada: Como é que crianças de 10 anos entendem a informação jornalística que lhes é dedicada?

1. Crianças dos oito aos 12 anos em Portugal

1.1. Retrato social, familiar e económico

Como são as crianças dos oito aos 12 anos, em Portugal? O país caracteriza-se por uma “baixa da taxa de natalidade, o aumento da taxa de envelhecimento, a diminuição da dimensão das famílias, o aumento do número de indivíduos a viver sozinhos bem como do número de famílias monoparentais, a diminuição do número de casamentos e o aumento do número de divórcios e de uniões de facto” (Tomás, 2012, p. 121).

Em 2022, a população infantil (crianças e jovens com menos de 15 anos) representavam 12,8% da população portuguesa, valor que tem vindo a baixar gradualmente, censo após censo (Almeida C. , 2023). A população infantil distingue-se ainda por incluir 5% de crianças e jovens de nacionalidade estrangeira, das quais 29% são brasileiras, 15% são chinesas e 9% são angolanas (Almeida C. , 2023).

As crianças distribuem-se de forma heterogénea por Portugal: as Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira somam 18 e 16,5% da população infantil, seguindo-se Lisboa (15,6%) e o Norte de Portugal (15,2%); as regiões com valores menores são a Região Centro (13,9%) e o Alentejo (13,8%) (Almeida & Ramos, 2018).

As crianças distribuem-se por viverem sobretudo em famílias com um casal em união de direito (55%) ou em união de facto (26%). Nas famílias monoparentais, as apenas com mãe somam 17% e apenas com pai 2% (Almeida C. , 2023).

A nível económico, em 2021, duas em cada 10 crianças viviam em situação de pobreza, sendo que crianças entre os 11 e os 15 anos são as mais afetadas (Almeida C. , 2023). Note-se que é entendido como pobre não só quem não tem acesso a comida ou bens essenciais, quem não vai à escola, quem não tem um “porto seguro”, mas também quem não tem “bens de marca”, como telemóveis ou roupa (Almeida & Ramos, 2018).

As crianças desenvolvem-se também fora do círculo familiar, procurando nos seus pares (amigos e colegas) um espaço para socializarem. No contexto atual, novas tecnologias, como o telemóvel e computador, permitem que as crianças estejam sempre em contacto, podendo trocar opiniões e desenvolverem-se enquanto indivíduos (Almeida & Ramos, 2018).

1.2.Desenvolvimento psicológico e moral

Para falar nas fases de desenvolvimento do ser humano, é essencial abordar os estudos de Jean Piaget e as suas quatro fases, sendo que para este estudo é importante a fase 3, dos sete aos 12 anos: a fase do pensamento operacional concreto. (Schirmann, Miranda, Gomes, & Zarth, 2019). Nesta fase, as crianças podem usar operações mentais para resolver problemas, usam a lógica para analisar diferentes fatores e cenários adjacentes a uma decisão. Têm também uma melhor noção de espaço, o que contribui para a memória espacial e capacidade de se situarem no espaço (Schirmann, Miranda, Gomes, & Zarth, 2019).

Segundo Piaget, para se avançar para a fase seguinte, os processos de adaptação, assimilação e acomodação têm de estar compreendidos (Schirmann, Miranda, Gomes, & Zarth, 2019).

Este autor explica ainda que existem estímulos proporcionados pelo ambiente em que se vive e que têm impacto no desenvolvimento, logo, mudando o ambiente, os estímulos são também alterados, o que pode potenciar ou depreciar o desenvolvimento (Schirmann, Miranda, Gomes, & Zarth, 2019). Momentos stressantes, desnutrição, e as tecnologias são exemplos de fatores que impactam de forma negativa o desenvolvimento das crianças (Barreto, Azevedo, Alencar, & Alcione, 2023).

Outros autores, como Rappaport (1981), defendem ainda que é nesta fase que as crianças começam a ter a noção do “Outro” enquanto indivíduos com sentimentos individuais e diversificados, o que resulta na desconstrução do egocentrismo, característico nas fases de desenvolvimento anteriores (Schirmann, Miranda, Gomes, & Zarth, 2019). Os autores já mencionados referem então que, nesta fase de desenvolvimento, as crianças são capazes de “organizar e coordenar estruturas de pensamento com maior estabilidade, e para isso, não somente a maturação irá contribuir, mas os estímulos que receberam” (Schirmann, Miranda, Gomes, & Zarth, 2019, p. 6).

Já a teoria do desenvolvimento psicológico da criança, por Erik Erikson, refere que existem 8 fases de desenvolvimento, sendo que as idades compreendidas dos oito aos 12 anos inserem-se na 4ª e 5ª fase. Na 4ª fase, dos seis aos 11 anos, as crianças desenvolvem sentimentos de orgulho, competência e confiança nas suas participações com os seus pares (Kesavelu, Sheela, & Abraham, 2021). A 5ª fase, dos 12 aos 18, é a

transição para a adolescência e onde se dá a construção da identidade pessoal e do próprio sentido do ser (Kesavelu, Sheela, & Abraham, 2021).

Uma outra autora, Katie Davis, fala ainda da função executiva da criança. Esta função está ligada ao cérebro e controla a forma como a informação é assimilada e priorizada, como tomar decisões e como podemos ver os vários cenários; é no fundo a forma como contactamos com o mundo e lhe reagimos (Davis, 2023).

Reconhecer cada criança como um ser singular e capaz de defender as suas ideias traz benefícios para o seu desenvolvimento, pois “o reconhecimento da capacidade da criança para construir o seu desenvolvimento e aprendizagem supõe encará-la como sujeito e agente do processo educativo, o que significa partir das suas experiências e valorizar os seus saberes e competências únicas, de modo a que possa desenvolver todas as suas potencialidades” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, s.p.).

2. O direito à informação: programas de notícias para crianças

2.1.O Artigo 17º da Convenção sobre os Direitos da Criança de 1989

A Convenção sobre os Direitos da Criança, de 1989, veio revelar ao mundo que as crianças deveriam passar a ser consideradas como cidadãs, com uma voz ativa e capacidade de participação na sociedade (Marôpo L. , 2008).

O Artigo 17º da Convenção sobre os Direitos da Criança de 1989, ratificada por Portugal em 1990, indica que toda e qualquer criança tem o direito à informação. Segundo este artigo “Os Estados Partes reconhecem a importância da função exercida pelos órgãos de comunicação social e asseguram o acesso da criança à informação e a documentos provenientes de fontes nacionais e internacionais diversas, nomeadamente aqueles que visem promover o seu bem-estar social, espiritual e moral, assim como a sua saúde física e mental” (UNICEF, 2019, s.p.).

Nas alíneas deste Artigo, é ainda descrito como é que os Estados Parte devem agir de forma a que se faça cumprir aquele propósito: toda a informação deve ajudar a desenvolver a personalidade da criança, inculcando espírito crítico, empatia, respeito e educação (indo ao encontro do Artigo 29º); os meios de comunicação devem investir na diversidade de fontes, apelar à procura e interesse por nova informação, através de livros para crianças; ter em conta as necessidades linguísticas de minorias étnicas ou de outras minorias e proteger sempre a criança de qualquer dano possível (UNICEF, 2019).

Ou seja, neste documento legal, os meios de comunicação surgem não apenas como construtores e portadores, mas como entidades reguladoras que garantem que os próprios direitos das crianças estejam a ser cumpridos (Godoi, 2007). Para além disso, um dos propósitos dos jornalistas deve ser dar a conhecer o mundo através do olhar das crianças, usando-as como fontes de informação e não apenas em casos insólitos ou de tragédia (Narciso, Rodrigues, Colella, & Fonseca, 2019).

2.2.Comentário Geral nº25 sobre os direitos da criança em ambiente digital

Sabendo que vivemos na era digital, tornou-se necessário explorar o conceito de direitos da criança envolvendo o ambiente digital. As crianças, enquanto grupo considerado vulnerável, devem ter “literacia dos media”, o que implica entender o mundo

digital de forma a prevenir as crianças de algum mal que possa ser causado (Silawati & Rahman, 2024).

Em março de 2021, o Comité dos Direitos da Criança reuniu-se para aprovar o Comentário Geral nº25. Este Comentário aponta como se deve aplicar a Convenção sobre os Direitos da Criança “no que respeita ao ambiente digital e fornecer orientações sobre as medidas que deverão ser adotadas para assegurar o pleno cumprimento das obrigações impostas por esta Convenção e protocolos facultativos à luz das oportunidades, riscos e desafios que se colocam à promoção e proteção de todos os direitos das crianças em tal ambiente” (Tavares, 2021, s.p.).

Assim sendo, os Estados Parte devem informar e alertar sobre os direitos das crianças no ambiente digital, abordando tanto o tema dos riscos e oportunidades associados aos conteúdos e serviços digitais, como potenciar a literacia digital da criança e como reconhecer uma criança em perigo online (Committee on the Rights of the Child, 2021).

Sabendo que o Jornalismo teve de se adaptar ao novo contexto digital, reconhecendo alguns entraves, a adaptação para o contexto digital e tecnológico “contribuiu para desafiar a posição quase-monopolista do jornalismo profissional na disseminação da informação pública, propiciando novas formas de jornalismo participativo ou cidadão” (Miranda, 2021, p. 81), alinhando-se assim com o tipo de jornalismo para crianças: mais participativo e que tenha as crianças como cidadãos ativos, que podem contribuir para as notícias que vão consumir.

2.3. Jornalismo para Crianças: identificação e características

O Jornalismo para crianças pode ser entendido como a comunicação de informação em formato compreensível para as crianças, mas que deixa margens para que o restante público também se possa interessar pelos temas e pelo conteúdo (Doretto, 2014).

Doretto (2014) explica como a construção do Jornalismo para crianças tende a ser feita pelos jornalistas a pensar em primeiro lugar numa criança “padrão”, com determinadas características como escolaridade, classe social, etc. No entanto, a autora defende que se deve entender este jornalismo como uma tentativa de comunicar

diretamente com todas as crianças de forma a informar e divertir (Doretto, 2014). Para além disso, não é possível padronizar e criar um *standard* do que é ideal, ou não, para ser transmitido a uma criança e quais os seus interesses, uma vez que “as características cognitivas, sociais, culturais e emocionais das crianças são diversas e heterogéneas” (Fernandes & Tomás, 2011, p. 4). O processo de criação e retenção de significados é diverso e singular, e cada criança pode retirar de um determinado conteúdo um significado diferente devido a vários fatores como aprendizagens anteriores, o discurso familiar, o meio onde está inserido e os seus próprios interesses e preocupações (Basílio, 2018).

O jornalismo infantojuvenil distingue-se por ser um “elemento de mediação entre dois mundos (...) e como instrumento de formação” (Carvalho, 2014, p. 10). O jornalismo feito para crianças e jovens vai para além da simples reformulação das notícias para os adultos: é um espaço onde a relação e a perceção do Outro existe e é potenciada, e temas sensíveis como o racismo e o sexismo podem ser explicados e discutidos de forma segura, adaptada e sem descurar a ética e padrões jornalísticos (Haavisto, Chajed, & Kyllönen, 2022). Doretto defende que o jornalismo para crianças pode ser sobre qualquer assunto e que se pode questionar as crianças sobre qualquer assunto, desde que se respeitem e se compreendam as etapas de desenvolvimento das mesmas (Doretto, 2010).

Quanto ao envolvimento cívico, estudos sugerem que os media podem ter um papel crucial na formação social e cívica das crianças (Alon-Tirosh & Lemish, 2014). Por isso, Thais Furtado defende que “é preciso criar canais de informação jornalística com credibilidade e linguagem adequada para as crianças, mas é preciso também incluí-las no jornalismo rotineiro, direcionado a todos” (Furtado, 2016, s.p.).

A comunicação social pode ser uma forma de ajudar a criança a entender o mundo, permitir-lhe conhecer novas realidades e aproximar-se ainda mais daquelas que já conhece, ao mesmo tempo que auxilia na compreensão das diferenças entre o “Eu” e o “Outro”, como ser empático e aceitar a vulnerabilidade (Doretto & Generali, 2021). Para estas autoras, é por isto que as peças jornalísticas realizadas pelos media devem estar inseridas no contexto escolar, para serem estudadas e para que a escola ajude igualmente na formação social e cultural das crianças.

O jornalista que escreve para crianças comunica na linguagem que estas compreendem (ou o que entende que esta seja ou deva ser), aborda temas que crê que são do interesse delas (ou que devem ser), e pode cair na falha de infantilizar ou ignorar

diferentes necessidades, gostos ou curiosidades deste grupo (Doretto, 2014). Doretto entende ainda que para um jornalista construir uma notícia em formato de jornalismo para crianças, deve ter em conta a linguagem das crianças, ou seja, as suas expressões e variedade de significados de diferentes palavras (Doretto, 2010).

Advém daqui, então, a importância de encarar as crianças como sujeitos e dar-lhes a possibilidade de serem participantes, podendo opinar e contribuir para um programa que esteja formado segundo as suas experiências e observações (Fernandes & Tomás, 2011). Natália Fernandes e Catarina Tomás salientam ainda, com base no trabalho de outros autores, como o contributo das crianças pode ser essencial para uma investigação ou para a elaboração de qualquer peça uma vez que a criança é “produtora de cultura própria, com formas de interpretar o mundo, de agir e de pensar e de sentir; capaz de discursar acerca da sua ação e de a representar de diferentes formas (as linguagens múltiplas das crianças)” (Fernandes & Tomás, 2011, p. 3). Apesar de alguns autores apontarem os media como possível causa para a “morte da infância” (Postman *in* Sarmiento, 2009), outros reforçam a ideia de que as crianças enquanto grupo são sujeitos ativos nas redes e no consumo, podendo assim atribuir e redefinir significados que lhes são apresentados pelos media, de acordo com as suas crenças, valores e pensamentos (Sarmiento, 2009).

Em Portugal, no Século XX, jornais e revistas de informação geral começaram a distribuir suplementos que procuravam incentivar à leitura e transmitir conhecimento, de uma forma diferente do jornalismo tradicional, sendo alguns exemplos o *Gafanhoto*, *ABCzinho*, *Página Infantil*, *O Carlitos*, *Notícias Miudinho*, *Os Sportsinhos*, *A Cigarra: jornal infantil*, *O Pintainho* e *Pim-Pam-Pum!* (Carvalho, 2014). Mas o jornalismo para crianças começou a desenvolver-se na televisão, graças à RTP, que emitiu os programas *Jornalinho* (1984 a 1987), o *Caderno Diário* (1990 a 2002) e o *Diário XS* (2010 a 2012 e depois novamente em 2014) (Pereira, Fillol, & Silveira, 2015). Atualmente, destacam-se o formato escrito *Visão Júnior* e o Programa Televisivo *Radar XS*, da RTP.

Sobral previu, no estudo sobre a Televisão em Contexto Português de 2012 (já anteriormente referido), que a televisão apenas continuaria a fazer parte da vida dos portugueses se apostasse em formatos inovadores e variados, adaptando-se aos novos interesses e formas de consumo. Uma das novas formas de consumo são os media digitais, com especial destaque para as redes sociais, onde as estações televisivas já se encontram.

Num Inquérito realizado em 2016 sobre o valor da televisão para o desenvolvimento das crianças mais novas (três a sete anos), 79% dos pais inquiridos respondeu que não existiam muitos programas televisivos que fossem bons para o desenvolvimento dos filhos, rematando ainda esta ideia com a percentagem de 39% para “A maioria dos programas não ensina nada ao meu filho” (Ponte, Simões, Castro, Batista, & Jorge, 2018). Mas até que ponto esta visão negativa corresponde mesmo a um acompanhamento e conhecimento do que as crianças veem?

As principais conclusões de estudos realizados sobre o jornalismo para crianças – que se têm focado na sua compreensão das notícias, nas reações emocionais e no envolvimento cívico – apontam que as crianças identificam e reconhecem, primeiro, as notícias que passam pela televisão como verdadeiras, apesar de as considerarem negativas e assustadoras (Alon-Tirosh & Lemish, 2014) e daí evitarem assistir a este género televisivo. Dafna Lemish reforça que as notícias têm um grande impacto emocional nas crianças, em especial nas do sexo feminino, e acrescenta ainda que as crianças tendem a não acompanhar as notícias pois estas não satisfazem as suas necessidades, a informação é repetitiva e colide com o horário de outros programas que vão mais ao encontro dos seus interesses (Silveira, 2019).

A televisão continua a ser o meio predileto das famílias portuguesas, influenciando as crianças na forma como recolhem informação (Silveira, 2019). Num estudo realizado pela *Havas Media Network* conclui-se que os canais de televisão continuam a ser a preferência dos portugueses no que toca ao consumo de informação (Lopes, 2024). A diretora da *Havas Media Network* acrescenta ainda, sobre este estudo, que “embora a confiança depositada nos meios tradicionais pareça transcender gerações, a conveniência do consumo *on-demand* ganha claramente relevância entre os mais jovens” (*in* Lopes, 2024, s.p.).

Um estudo de 2014 que procurava perceber como as crianças portuguesas entre os nove e os 16 anos utilizavam a Internet móvel, concluiu que apenas 10% utilizava a Internet para ver notícias (Simões, Ponte, Ferreira, Doretto, & Azevedo, 2014). Em 2019, com crianças com as mesmas idades, este número aumentou para 27% (Ponte & Batista, 2019). No entanto, o conteúdo noticioso partilhado é recebido com desconfiança, uma vez que 40% dos inquiridos deste relatório não tinham a certeza se confiavam ou não no que é partilhado nas redes sociais. A televisão parece ter um perfil mais confiável,

sendo que 53% afirma que “fazem um bom trabalho”, em contraste com as redes sociais que somam 28% (Ponte & Batista, 2019).

Num outro estudo realizado pela *Obercom*, em 2022, é possível perceber alguns padrões de consumo dos portugueses, que se refletem também depois na forma como as crianças consomem notícias: 74% dos portugueses afirmam utilizar a Televisão para consumo de notícias, 79% utilizam a Internet e 19,6% usam as redes sociais. Ainda sobre a forma como os portugueses consomem notícias, este estudo revelou que entre as camadas mais jovens o formato de vídeo é mais apreciado no consumo de informação (16,8%) (OberCom Reuters Institute for the Study of Journalism, 2022).

Segundo um estudo realizado por Juliana Doretto (2017), as crianças consomem mais notícias se estas lhe forem fornecidas, por exemplo, através dos pais ou da escola, ou quando os temas são do seu interesse, deixando assim para segundo plano o grau de importância que as crianças dão, ou não, ao jornalismo (seja ele infantojuvenil ou “tradicional”).

Uma vez que o consumo de notícias tem influência na construção da realidade de cada pessoa (Cruz, 2014), coloca-se a questão da importância que o jornalismo infantojuvenil tem para a formação das crianças e jovens em Portugal, para o exercício da cidadania consciente, e se esta é ainda uma forma de garantir audiência para a informação do amanhã (Soares *in* Doretto, 2010).

Existem, em Portugal, poucos espaços noticiosos que forneçam às crianças as notícias que vão de encontro aos seus interesses e que as cativem intelectualmente (Ferreira, 2023). Especialistas apontam que Portugal tem vindo a apostar no conteúdo para públicos mais jovens, mas muito dependente dos recursos monetários das empresas e sem tirar partido das novas tecnologias, como a Internet (Pereira, Fillol, & Silveira, 2015). A precariedade deste formato infantil é então motivada pelos “altos custos e que, acredita-se, dificilmente atraem a audiência necessária para sustentar o investimento” (Doretto, 2014, p. 69). Desta forma, revela-se importante que os meios de comunicação repensem a forma como fazem o jornalismo, reforçando a aposta no que já resulta para uns meios (por exemplo, jornais para crianças), como as ilustrações, fotografia e design apelativos (Carvalho, 2014), ou apostar em novas abordagens, uma vez que é ponto assente que o Jornalismo para crianças é extremamente necessário para “estarem bem

informadas, formarem opiniões fundamentadas e assumirem um papel crítico interventivo na sociedade” (Ferreira, 2023, p. 78).

3. RTP e Radar XS

3.1. As Obrigações do Serviço Público - RTP

Uma vez que o Programa Radar XS faz parte da programação da RTP, revela-se necessário entender um pouco mais sobre esta estação de televisão, em especial o compromisso com o público.

A Rádio e Televisão de Portugal (RTP) assume um contrato de concessão do serviço público (disponível para [consulta no site da RTP](#)), no qual são descritos os objetivos do serviço público, os direitos e obrigações deste órgão. É neste contrato que estão definidas as bases para que possa surgir o Jornalismo para crianças.

Este Contrato entre a RTP e o Estado Português define que a RTP deve:

- garantir a pluralidade de opiniões e permitir a livre liberdade de expressão (alínea b).

Neste sentido, o Jornalismo para crianças deve ter em conta a opinião das crianças, uma vez que apenas ouvindo as suas opiniões e experiências, se pode entender como interpretam as notícias e como formam significados através delas, que depois vão ter impacto no seu quotidiano (Silveira, 2012).

- encorajar a formação cívico-cultural de quem assiste, através de programas que garantam informação, educação e entretenimento para todos (alínea e).

Inclusive, especialistas em jornalismo para crianças defendem que os conteúdos partilhados e desenvolvidos devem também saciar e interessar à comunidade à volta da criança, como os pais e a escola onde está inserida (Pereira, Fillol, & Silveira, 2015).

- tirar proveito da evolução tecnológica para se diversificar (alínea n).

As especialistas referidas anteriormente sublinham a importância desta alínea para a manutenção e projeção do jornalismo infantil: “Numa época caracterizada pela convergência mediática, e procurando tirar proveito das potencialidades oferecidas pelos meios digitais, o serviço público de media, no caso específico de Portugal, a Rádio e Televisão Pública, poderia ter um importante papel na criação de sinergias entre os canais públicos e os espaços que disponibilizam na Internet, promovendo um serviço

informativo integrado para o segmento mais jovem” (Pereira, Fillol, & Silveira, 2015, p. 386).

Está ainda descrito que a RTP deverá desenvolver “Um serviço de programas que procure satisfazer as necessidades educativas e formativas do público infantil e juvenil” (Parte III, Cláusula 7^a, Ponto 4, Alínea a), que tem por objetivo transmitir conteúdo para públicos dos zero aos quatro anos, dos cinco aos nove e dos nove aos 14 anos, de forma a que potencie o desenvolvimento físico, mental e social através da reflexão e do espírito crítico, ao mesmo tempo que se promove a cultura e a língua portuguesa e a celebração de outras culturas (Ponto 5).

3.2.Evolução e características de conteúdos noticiosos para crianças

“Portugal não é um país em que se invista muito em meios, serviços ou programas sobre notícias da atualidade especificamente dirigidos ao público infantojuvenil”, referem algumas autoras já anteriormente referenciadas (Pereira, Fillol, & Silveira, 2015, p. 373). No entanto, a RTP tem mostrado, ao longo dos anos, vontade de manter as crianças em contacto com o mundo da informação, de uma forma lúdica e divertida.

Esta estação de televisão lançou o Jornalinho, entre 1984-1987, como um “espaço informativo, educativo e lúdico para as crianças”. Já o Caderno Diário, no ar entre 1989 e 2001, pretendia “explicar de forma simples notícias sérias a miúdos e graúdos” (RTP, s.d.) ou seja, incluindo notícias com uma linguagem e tratamento que pudessem interessar a pessoas de várias idades. Destacam-se ainda os programas Kulto e Pica, por serem “uma ‘lufada de ar fresco’ no panorama audiovisual português, principalmente no que diz respeito à oferta de programas dedicados ao público infantojuvenil” (Borges, 2007, p. 11). O Kulto é de 2006, do género Magazine e “Aconselha livros para quem detesta ler e mostra excertos de filmes para os que não querem ver DVDs” (RTP, s.d.); o Pica durou entre 2006 e 2007, e apresentava-se como “Magazine cultural apresentado sob a forma de um programa de ficção, sobre temas de interesse para os jovens.” (RTP, s.d.). Ambos foram transmitidos no segundo canal da RTP.

3.3.O Radar XS

É no segundo canal, a RTP2, que a emissão do programa infantojuvenil Radar XS é feita com frequência e há anos.

O Radar XS surge como um “telejornal para crianças dos oito aos 12 anos onde se pretende incentivar o pensamento crítico e a cidadania” (RTP, s.d.). Demarca-se por ser um telejornal atual, que toca nos vários temas da sociedade, desde a política, cultura, economia e outros. Esteve no ar de 2010 a 2015, de segunda a sexta, e voltou em 2019 com um novo formato, onde a anterior voz-off foi substituída por um verdadeiro “apresentador” ou pivot (Filol, 2020).

Neste momento, é possível assistir aos episódios na RTP2 às segundas, quartas e sextas-feiras, às 08h00 e às 19h00, ou ainda a partir da plataforma digital RTP Play, que armazena os episódios desde a temporada de 2019 até ao episódio mais recente, em 2025.

São sete temporadas de programa:

- Temporada 1: 15 episódios, o 1º lançado a 20 de setembro de 2019 e o último a 28 de dezembro de 2019;
- Temporada 2: 30 episódios, o 1º lançado na 1ª semana de 2020 e o último sem data conhecida;
- Temporada 3: 138 episódios, o 1º lançado a 14 de setembro de 2020 e o último a 30 de julho de 2021;
- Temporada 4: 140 episódios, o 1º lançado a 13 de setembro de 2021 e o último a 29 de julho de 2022;
- Temporada 5: 138 episódios, o 1º lançado a 12 de setembro de 2022 e o último a 28 de julho de 2023;
- Temporada 6: 138 episódios, o 1º lançado a 11 de setembro de 2023 e o último a 26 de julho de 2024.
- Temporada 7: o 1º episódio foi lançado a 16 de setembro de 2024 e esta temporada ainda está ativa, somando episódios de 2 em 2 dias ou de 3 em 3 dias.

Percebe-se então a tendência de seguir o calendário escolar das crianças, uma vez que a partir da temporada 3 os episódios são lançados no “regresso às aulas” e terminam com o início das férias de verão.

O tempo dos episódios varia conforme as temáticas, indo de 5 a 20 minutos.

Andreia Friaças é a apresentadora desde a primeira temporada, e a presença de uma intérprete de Língua Gestual Portuguesa (LGP), é irregular. As intérpretes vão alternando conforme os episódios e temporadas.

O Radar XS apresentou-se ainda com um novo cenário e abertura do programa no episódio 42 da temporada 6.

Um episódio pode conter temas da atualidade, mas também temas mais direcionados para o público pré-adolescente, como as mudanças hormonais na adolescência. O programa pode ainda receber especialistas no estúdio ou optar por uma reportagem no exterior. Estes programas contam com a presença de adultos, mas também com crianças, normalmente em entrevistas. São utilizados grafismos para explicar conceitos e no início do programa é feito um mini resumo do que vai ser falado no episódio.

Para além do conteúdo televisivo, de forma a aproximar-se do público-alvo, as crianças, o Radar XS dispõe de Instagram e TikTok, sob o nome @radarxs.rtp.

Como em qualquer jornal televisivo, a informação noticiosa distribuída nesta plataforma passa por várias fases: procura, seleção, redação e tratamento final (Cruz, 2014). O programa envolve apenas uma jornalista, o que torna difícil fazer reportagens no exterior e entrevistas, explica Joana Filol (Filol, 2020), a investigadora da Universidade do Minho que o analisou.

No entanto, parece, à priori, que o objetivo deste telejornal para crianças é cumprido: Filol confirma que este jornal dá visibilidade às crianças como indivíduos com diferentes facetas, desde ativistas a artistas, solitárias ou audiências, e as empodera, incitando às suas capacidades de resiliência, aprendizagem e camaradagem (Filol, 2020).

Para entender como as crianças percecionam um programa criado para elas e como pode ser melhorado, é necessário desconstruir o conceito de perceção na ótica da televisão. A perceção pode ser vista como a recolha e interpretação de informações ou como a conceção de algo único face a um olhar sob um objeto/imagem/informação (Ferraz, 2017).

Se a perceção for apenas uma recolha e interpretação das informações, entende-se a necessidade e importância do RADAR XS de padronizar as notícias ao nível da

linguagem, para que desta forma, mais crianças possam ter acesso a informação de forma mais fácil.

Mas se a percepção cair sob o olhar único, como combater a normatização e padronização? Conversando com as crianças sobre os seus interesses e como este programa pode ser melhorado. Foram assim delineadas as seguintes perguntas de pesquisa para cumprir esse propósito e compreender melhor a percepção das crianças:

1. O que entendem as crianças por notícias?
2. Qual é o grau de conhecimento por parte de crianças sobre o programa RADAR XS?
3. De que modos as crianças apreciaram um episódio do RADAR XS? A que foram mais sensíveis? O que acharam que poderia ser melhorado?

4. Metodologia

Para esta dissertação recorreu-se ao método qualitativo de grupos de foco numa escola com crianças de 10 anos, do 4º ano.

Realizaram-se dois grupos de foco com crianças de 10 anos, numa única escola, para procurar entender as suas perspetivas antes e depois de assistirem a um episódio do Radar XS. No fundo, procurou-se aprofundar o impacto que um episódio de jornalismo infanto-juvenil pode ter nas crianças.

Para o grupo de foco, delineou-se o seguinte plano:

1º Momento - Quebra-gelo

Uma vez que se trata de uma atividade que é realizada com crianças, é necessário um quebra-gelo para gerar confiança e à vontade.

Para este momento de quebra-gelo fizeram-se dois jogos interativos. No primeiro, foram apresentados 5 excertos de textos em formatos diferentes (notícias, poesia, banda desenhada e prosa) para identificarem quais eram as notícias.

Este momento de quebra-gelo consistiu apenas num momento de leitura e interpretação dos textos. Os textos foram distribuídos de forma aleatória, e deu-se tempo para que as crianças lessem o texto e fizessem a sua interpretação. Depois de todos terminarem de ler, cada criança esclareceu se o seu texto era ou não uma notícia e sobre o que é que falava.

Foram selecionados:

- Texto 1 – Notícia do Jornal Público [“Cimeira do Clima: ativistas manifestam-se em silêncio em Bacu”](#) (Anexo I)
- Texto 2 – Poema de António Gedeão [“Poema das Árvores”](#) (Anexo II)
- Texto 3 – Livro de Hannah Wilson [“As Alterações Climáticas & Outras Ameaças Ambientais ideias incríveis para ajudar”](#) (Anexo III)
- Texto 4 – Notícia da TSF [“Financiamento contra alterações climáticas "não é uma esmola". Guterres pede "união" dos países na COP29”](#) (Anexo IV)
- Texto 5 – Livro de Bruno Pinto, Nuno Duarte e Quico Nogueira [“O Jogo das alterações climáticas”](#) (Anexo V)

No segundo jogo interativo foram apresentadas várias imagens de celebridades portuguesas, entre apresentadores dos programas da manhã, atores, comediantes e jornalistas para que identificassem quais os jornalistas.

Para além deste momento ser interativo e permitir que as crianças percebam que estão num ambiente seguro, onde podem exprimir as suas opiniões, neste momento também foi possível entender a relação das crianças com o jornalismo.

Após este momento de quebra-gelo, procedeu-se à parte de questões.

2º Momento - Relação com notícias

Foram colocadas as seguintes questões-guia:

- O que é uma notícia?
- Conhecem notícias feitas para pessoas da vossa idade?
- Costumam ver notícias?
- Veem notícias pela televisão ou pela Internet?
- Conhecem um Programa chamado Radar XS?

3º Momento - Visualização de episódio e questões

A proposta colocada às crianças foi de assumirem o papel de críticos de jornalismo, tendo de estar atentos e tirarem as suas notas enquanto viam o episódio mais recente do Programa Radar XS, para que o pudessem avaliar. Todos receberam um "crachá" de críticos (Apêndice I).

Após a visualização do programa foram colocadas as seguintes questões:

- Perceberam tudo?
- Que outros temas poderiam aparecer aqui?
- Gostavam de ajudar a fazer este programa e a dar ideias?
- O que mais gostaram neste episódio?
- O que menos gostaram neste episódio?
- Agora que conhecem o programa, querem ver mais episódios?
- Gostavam de conhecer e seguir as redes sociais do Radar XS?

4º Momento - Reflexão

Depois da visualização do programa e de responderem às questões, propôs-se às crianças que até à próxima visita fizessem um texto, desenho, arte, ou outro, sobre o programa a que tinham assistido. Foi-lhes explicado que estas "obras" seriam recolhidas para depois, eventualmente, chegarem à RTP.

Uma semana depois, as "obras" foram recolhidas e houve mais um momento com os grupos para responderem às seguintes questões:

- Gostaram de fazer estas "obras" sobre Jornalismo?
- Viram mais episódios do Radar XS?
- Têm mais interesse no Jornalismo?

Depois destes dois encontros com as crianças, procedeu-se à análise e discussão de dados. Todos os nomes apresentados são fictícios.

4.1.Composição dos grupos de foco

Grupo 1	Idades	Nacionalidade de origem da família
Ana	10	Portugal
Carolina	10	Brasil
Maria	10	Portugal
Magda	10	São Tomé e Príncipe
António	10	Portugal
Grupo 2	-	-
Inês	10	Portugal
Joel	10	Angola
Rodrigo	10	Portugal
Tomás	10	São Tomé e Príncipe

Tabela 1 - Composição dos grupos de foco

O primeiro grupo de foco é um grupo de cinco crianças: quatro raparigas e um rapaz. Duas das raparigas são portuguesas, uma brasileira e a quarta de São Tomé e Príncipe. O rapaz é português.

O segundo grupo de foco é constituído por quatro crianças: uma rapariga portuguesa e três rapazes, um de Portugal, outro de Angola e outro de São Tomé e Príncipe.

Nestes grupos de foco foi importante conhecer o *background* étnico de cada criança uma vez que as suas respostas parecem ser influenciadas por tal. Se por um lado as crianças portuguesas mostram interesse em aparecer na televisão e em fazer parte de um programa onde lhes é pedida a sua opinião, as crianças do género masculino de Angola e São Tomé e Príncipe mostram-se mais preocupados com o impacto que as notícias negativas (como roubos e acidentes) podem ter nas crianças mais novas.

4.2. Descrição do episódio observado

De forma a entender melhor as respostas e discussão levadas a cabo pelos grupos de foco, revela-se necessário contextualizar o episódio observado.

O episódio apresentado a ambos os grupos foi o episódio 32 da temporada 7, de título “Cante alentejano e arte urbana”, do dia 27 de novembro de 2024. É um episódio com 6 minutos e 42 segundos. Há uma intérprete de língua gestual e a jornalista é Andreia Friaças.

Neste episódio celebra-se o cante alentejano uma vez que é o 10º aniversário desta arte enquanto património cultural e material da humanidade da UNESCO. O Radar XS apresenta então uma reportagem sobre o Cante, recorrendo ao Coro Infantil de Ourique, onde entrevistaram crianças e o Professor de Cante Alentejano sobre o Cante e o seu futuro.

Houve ainda uma reportagem sobre um mural de arte urbana que envolve várias gerações: pais, avós e filhos. São entrevistados o Artista GodMess, o Presidente da Câmara de Mesão Frio, Paulo Silva, a Coordenadora Geral da Bagos D’Ouro, Inês Taveira e algumas crianças.

No final do episódio, os espectadores são convidados a partilharem as suas opiniões através das redes sociais do Radar XS.

5. Análise das atividades

5.1. Leitura dos excertos e identificação das notícias

Cada criança ficou responsável por ler um dos textos distribuídos e perceber se era ou não uma notícia. Apenas dois dos cinco textos eram notícias, no entanto todas as crianças do 1º grupo disseram que leram uma notícia, pois, segundo elas “*Uma notícia é uma mensagem do que aconteceu, ou o que está a acontecer*”. Com este raciocínio, cada criança explicou o porquê de acreditar que leu uma notícia: “*É um texto de flores*” referindo-se ao poema que leu, “*sim, porque acho que o mundo está a mudar*”, referiu-se uma segunda por causa da banda desenhada.

Também no 2º grupo cada criança ficou responsável por ler um excerto do texto e perceber se era ou não uma notícia. Neste grupo não foi distribuído o excerto quatro. Também neste grupo, todas as crianças acreditaram terem lido uma notícia e, quando questionadas, explicaram que era por causa do conteúdo: “*Fala sobre o tempo*”, “*porque diz sobre a natureza, flores, diz sobre os frutos e das sementes*”, “*falam sobre coisas importantes (...) é como se fosse quando aparecem nas notícias pessoas com cartazes*”.

Com esta atividade foi possível aferir que, apesar da diferença de formatos, uma vez que o conteúdo seguia um tema que às crianças parecia ser de interesse noticioso, estas identificaram todos os excertos como notícias.

5.2. Identificação de Jornalistas

Num primeiro slide aparecem 3 personalidades da televisão: Cátia Goarmon, do programa “Os Segredos da Tia Cátia”, César Mourão, humorista, e a jornalista Judite de Sousa. Quatro das cinco crianças do grupo 1 consideraram Cátia Goarmon como jornalista, e uma considerou César Mourão, dizendo que “*O meu pai gosta muito de ver este*”. Já no segundo grupo, aquando da explicação deste jogo, um dos elementos do grupo referiu que achava que já conhecia todos uma vez que está “*sempre a ver a CMTV*”, referindo que muitas vezes vê sozinho pois acorda às 6h30 da manhã. No primeiro slide, as crianças do Grupo 2 identificaram primeiramente César Mourão como “apresentador da SIC”: “*aquele não é jornalista, porque aquele do meio não vai ao jornal*”. Duas crianças votaram na Cátia e duas na Judite de Sousa. Apenas duas crianças do grupo 2 identificaram a Jornalista presente neste slide.

Num segundo slide aparecem Eduardo Torgal, coach, e os jornalistas Rodrigo Guedes de Carvalho e Conceição Queiroz. Ao verem este slide, as crianças do 1º Grupo identificaram, à priori, Conceição Queiroz “*Eu já vi essa*”, e a figura pública Eduardo Torgal. Quatro das cinco crianças identificaram como jornalista Conceição Queiroz, e apenas uma considerou Eduardo Torgal. Neste slide, as crianças foram questionadas se viam o “Jornal da Noite”, ao que responderam “às vezes” e “*não, porque tenho treino*”. Já no grupo 2, todos identificaram imediatamente Rodrigo Guedes de Carvalho: “*Sim, é o jornalista, mas eu não sei o nome dele*”, “*Eu não sei se ele é jornalista da CMTV ou do canal 5*”.

No terceiro slide aparecem Andreia Friaças, jornalista no Radar XS, Daniel Oliveira, apresentador, e Marco Horácio, humorista e ator. Uma das crianças do Grupo 1 reconheceu Andreia Friaças como jornalista (“*parece-me familiar*”); todas votaram em Daniel Oliveira como jornalista. Aquando deste slide, uma das crianças (Carolina), confessou que não via muito o telejornal. Já no grupo 2, as crianças questionaram-se, em conjunto, sobre se seria Daniel Oliveira, que “*parece-se com o ex-ministro*” ou Marco Horácio, decidindo todos, posteriormente, que o jornalista “parece” ser o último. Neste slide não foi então identificada a Jornalista Andreia Friaças, cara do Programa Radar XS.

Num último slide, aparece Herman José, humorista, Maria Botelho Moniz, apresentadora, e José Rodrigues dos Santos, jornalista. Aquando deste slide, as crianças do Grupo 1 entusiasmaram-se e reconheceram imediatamente Maria Botelho Moniz: “*Eu já a vi*”, “*É a do Big Brother*”, “*Eu já a vi, a minha mãe adora-a*”. Uma das crianças decidiu votar nas 3 personalidades como jornalistas, 3 crianças votaram na Maria Botelho Moniz, mesmo identificando-a do Programa Big Brother, e 3 votaram no José Rodrigues dos Santos. Também as crianças do Grupo 2 identificaram imediatamente Maria Botelho Moniz, reconhecendo-a como apresentadora, logo, excluíram-na como possível jornalista. Duas crianças identificaram o humorista Herman José como jornalista, e outras duas, José Rodrigues dos Santos, sendo que uma das crianças referiu que este “*é da CMTV*”.

Quando questionadas como justificavam as suas escolhas, as crianças do Grupo 1 admitiram que foram feitas não por conhecerem os jornalistas, mas sim pelos condicionamentos visuais: “*Na maneira que eles estão vestidos*”, “*na foto e no fundo*”, revelando assim que o tipo de foto apresentada (se é mais ou menos formal) condicionou as suas escolhas.

5.3. O que é notícia e como se relacionam com o Jornalismo

Após os dois primeiros exercícios, os dois grupos foram questionados sobre o que achavam que era uma notícia.

Respostas de participantes do Grupo 1:

- *É uma mensagem do que aconteceu ou o que está a acontecer (Ana)*
- *Coisas importantes que aconteceram ou que vão acontecer (Carolina)*
- *Quando falam de uma coisa grave (António)*
- *Quando falam de coisas sobre o planeta (Carolina)*
- *Às vezes uma notícia também pode ser coisas boas (Maria)*

As crianças deste Grupo sabiam que as notícias podem ser sobre factos positivos e negativos e ainda, quando questionadas sobre a natureza temporal das notícias, responderam que podem ser tanto sobre factos atuais como antigos.

Quando questionados sobre onde podem consumir notícias, as crianças não referiram apenas a televisão, mas também a rádio e a rádio no carro. Contudo, não referiram a internet como meio de consumo.

Relativamente a conhecerem notícias feitas para a idade delas, para crianças, responderam perentoriamente que não. No entanto, quando questionadas se as notícias eram só para adultos, algumas responderam que não e outras que era “mais ou menos”, explicando que as notícias são para pessoas de todas as idades. Ana e António responderam que costumam ver notícias, normalmente à hora do jantar, e que assistem à SIC e à TVI, Carolina não vê tantas vezes, mas assiste bastante ao canal da SIC em casa da avó, já Magda, afirma que não vê tantas vezes notícias, mas que quando vê, assiste na SIC. Apenas Ana e Maria afirmam reconhecer o nome do programa Radar XS, mas Ana foi a única que partilhou já ter visto uma notícia feita para crianças, numa altura em que lhe fizeram uma entrevista sobre a escola.

Respostas de participantes do Grupo 2:

- *Uma notícia para mim é quando as notícias dão um alerta a avisar-nos em vez de ter outras pessoas, sem ser os jornalistas. (...) No telejornal dá muita coisa, dá o*

aumento de preço da gasolina, que houve um homicídio e que matou este, ou que um senhor morreu, um senhor desapareceu. (Rodrigo);

- Quando aparece na TV que aconteceu um terramoto e explica as coisas que acontecem. (Tomás);

- Uma notícia é algo que acontece na rua. (Joel).

Neste grupo, Rodrigo mostrou-se especialmente interessado em notícias e explica que vê muitas vezes CMTV, apesar de “não confiar”: *“há um canal chamado NOW, ele é um canal novo, nesse canal passa também notícias, passa mais os terremotos... Aliás, terremotos não, é guerra de Israel...”*. Inês mostrou-se mais reservada na hora de responder a questões sobre o que era uma notícia e apenas concordava com o que os colegas diziam.

As crianças referiram que veem notícias no telemóvel, computador e na televisão, identificando assim a internet como um meio de consumo. Não reconheceram o nome Radar XS e o seu conteúdo. Contudo, quando mencionado que era um programa da RTP2, o Rodrigo refere que conhece e que já o viu com o primo, mas a descrição que fez do programa não parece corresponder.

5.4. Assistir a episódio do Radar XS e debate

Após assistirem ao episódio do programa Radar XS, cada criança avaliou o que gostou mais, o que não gostou tanto e o que podia ser melhorado. Acima de tudo, pareceram gostar do conteúdo do episódio, sentindo necessidade de descrever o que aconteceu e de referir o que as crianças da reportagem disseram.

5.4.1. Grupo 1

A Carolina considerou o programa *“bem legal”* por causa do conteúdo do episódio, mas não gostou muito da expressão da jornalista e da intérprete de língua gestual: *“elas estão sérias”* (...), *“aquela senhora que ficava lá fazendo sinais e tal, ela estava a cobrir um pouco as crianças e os adultos que apareciam no canto (...)”*. Sugeriu que devia ficar noutra local, para se poder ver toda a reportagem.

A Maria diz que não encontrou nada que não gostasse no programa, referindo ainda que *“Aqueles crianças estão a escolher um bom futuro para elas”*.

A Ana foi a primeira a identificar que a jornalista era a mesma do jogo que tinham feito. Referiu que gostou do conteúdo do episódio, mas que achava que a *“senhora dos gestos não deveria estar ali”*. Esta opinião levou a um questionamento sobre o porquê de estar ali aquela senhora, e as restantes crianças referiram imediatamente que era *“para as pessoas que são mudas e surdas”*.

A Magda apenas mencionou que gostou da forma como os meninos cantaram.

O António também gostou muito de conteúdos do programa: *“Eu gostei quando as crianças cantaram. Eu sei que é bom porque eles estão para ser crescidas, para serem como elas querem”*, *“(…) quando os adultos e as crianças foram pintar aquele muro, achei que ficou muito bonito, acho que ficou incrível”*.

Quando questionadas se gostaram de ver e ouvir a opinião das crianças, a Carolina referiu que *“as crianças também têm direito à sua opinião, a falar o que elas acham ou que não gostaram”*. As restantes crianças juntaram-se a ela, referindo que as crianças podem dizer o que quiserem e ser, também, o que quiserem. *“Elas podem ser tudo”*, disse António.

Depois de verem o episódio, a Carolina pareceu recordar-se de já ter visto outros: *“Eu não lembro, mas eu acho que já vi um episódio”*.

Algumas crianças confirmaram que tinham telemóveis pessoais e disseram que, pedindo aos pais, têm também acesso às redes sociais, podendo assim assistir a diferentes conteúdos. Quando questionadas sobre se assistiriam a um episódio do Radar XS pelas redes sociais, responderam que sim.

Quando se voltou a referir o conteúdo de notícias para adultos, a Carolina partilhou que numa conversa com o pai se questionou sobre o conteúdo das mesmas: *“você já reparou que na televisão só aparece quando os aviões caíram, nunca apareceu um avião que ficou em pé e conseguiu pousar perfeitamente”*. Depois de verem o episódio do Radar XS, as crianças afirmaram que achavam as notícias dos adultos mais negativas, sendo que não o sentiram no programa Radar XS.

A Ana disse que no seu programa ideal gostava que *“mostrassem a nossa escola”*. O António acrescentou perguntar *“se eles gostam do nosso recreio”*.

Quando questionados sobre se voltariam a ver o programa, disseram que sim, mas ficaram preocupados com o horário, pois poderia implicar com o horário de outras atividades suas. Foi-lhes apresentada a opção de assistirem pelo website.

5.4.2. Grupo 2

O Rodrigo referiu a parte da pintura mural, parecendo preocupado com a temática: *“Eu melhorava a última parte quando eles pintaram as paredes com grafite, fizeram grafite nas paredes. Eu só não pintava as paredes com grafite porque depois se chovia, então ia borrar tudo, depois ia ficar muito feio”*. Em relação ao episódio, gostou e apenas melhoraria *“a parte das crianças a cantarem”*, sugerindo colocar um vídeo delas no Youtube.

Também o Tomás disse que gostou de *“saber o que eles (crianças) queriam ser quando cresciam”*.

Neste grupo referiu-se que há uma grande diferença entre este tipo de programa e um jornal para adultos:

- As crianças às vezes não aparecem nas notícias e não falam nada. (Joel)

O Rodrigo não concorda que as crianças apareçam na televisão porque *“há muitas pessoas más no mundo que podem conhecer essas crianças de algum lugar e podem raptar...”*.

Durante a discussão, o grupo chegou a acordo de que as crianças poderiam aparecer nas notícias se fosse sobre algo feliz, mas se fossem notícias de “guerra”, “de polícia”, já não. O Rodrigo explica que não, pois como vê muitas vezes CMTV, vê *“muitos casos sobre meninos menores de idade que ficam a ver só essas coisas, depois pensam elas também, eles veem e não querem fazer, mas pode ser que eles podem ter problemas mentais”*.

- As notícias dos adultos são mais assustadoras porque matam pessoas, pessoas agressivas, pessoas na prisão... É mais assustador do que das crianças... e por vezes as crianças dormem com medo, por causa dos jornalistas (Inês).

- Eu acho que também é mais assustador por causa que falam sobre coisas que não é para a idade de crianças (Rodrigo).

O Joel mostrou ainda preocupação pelo tipo de notícias que são passadas na televisão, nos programas para adultos: *“Eu ia dizer que as crianças não podem fazer essas coisas. Se as coisas que os adultos andam a falar e eles aprenderem, eles também vão querer fazer essas coisas maléficas e vão começar a destruir coisas, as plantas, a natureza. E eu não quero isso.”*

Quando questionados se perceberam porque estava presente no programa uma intérprete de língua gestual, todos sabiam porquê e Joel acrescentou ainda uma experiência que teve com o pai, em Angola: *“(…) quando eu estava em Angola eles movimentavam assim e o meu pai disse porquê, porque as pessoas que não sabem falar e falam essas línguas assim com as mãos, podem também discutir o que é que estava a falar da notícia.”*.

Houve interesse em ver mais episódios do programa, utilizando a internet e também ao assistir pela televisão, no horário normal. Quando questionados se preferiam ver desenhos animados ou notícias, Joel respondeu imediatamente que preferia notícias:

- *Quando eu chegar primeiro em casa eu vou primeiro assistir uma noticiuzinha depois eu vou jogar com o “Rodrigo”*. (Joel)

A Inês diz que gosta de ver notícias porque *“dá coisas importantes, para a gente saber o que está a acontecer no mundo, noutras planetas, que as pessoas estão a morrer, acidentes, bebês feridos no hospital.”*.

O Rodrigo refutou esta ideia e diz que *“as notícias não deviam avisar sobre as mortes”* pois se não as conhecem não faz sentido e deviam dar notícias sobre a possibilidade de terramoto ou guerras. O Joel concorda: *“Nós não devemos saber tudo o que acontece com as pessoas que nós não conhecemos”*, e diz que muitas vezes aparecem coisas na Internet que não são verdade. O Tomás discorda: *“Eu gosto quando as notícias explicam tudo sobre o que está a acontecer.”*

Quando questionados sobre se gostavam de ser entrevistados por um jornalista, todos responderam que sim e que até já tinham aparecido numa notícia. No entanto, a Inês diz que se fosse uma notícia negativa, como um acidente, não gostava de aparecer.

Para o Tomás, um programa de notícias ideal devia ter *“coisas que vão acontecer”*, *“se há ladrões”*. O Rodrigo gostaria de saber *“se vai haver terremotos, se os preços do gasóleo, da gasolina vão baixar, se vão construir mais supermercados”*. O Joel gostava

de saber “*se vão construir novos prédios, se vão fazer novas escolas, quais as mudanças em Portugal*”, e a Inês “*gostava que aparecessem coisas importantes, se há mais prédios*”.

6. Uma semana depois: segundo momento com os grupos de foco

Depois do primeiro momento, as crianças ficaram com a tarefa de criarem uma obra, um conteúdo que representasse a atividade realizada ou o episódio a que assistiram.

Uma semana depois, no dia 9 de dezembro, as obras foram recolhidas. Todas as crianças, à exceção de Carolina que não se encontrava no país aquando da segunda sessão, entregaram desenhos para representarem os momentos vividos. Todos tinham o nome da criança autora, mas para apresentação nesta dissertação as identificações foram retiradas para que se mantenha o anonimato. Não lhes foi dado nenhum guia que deveriam seguir, apenas lhes foi pedido que criassem uma obra relacionada com a atividade ou o episódio a que assistiram.

Tanto a Ana como a Maria representaram o momento da atividade, com ilustrações alegres que representam os colegas e a sala onde foram realizadas as diferentes atividades e o prazer que tiveram nela, expressando o seu agradecimento à investigadora. O momento coletivo da atividade e a sua dinâmica parecem ter tido mais impacto do que o próprio programa.



Figura 1 - Desenho da Ana



Figura 2 - Desenho da Maria

O Joel fez um desenho sobre notícias como tema geral, acompanhado com um texto a explicar o que foi feito no dia das atividades. O desenho é alegre, representando um pássaro e o sol.

O texto escrito por Joel: *“Nós falámos sobre notícias e vimos um vídeo sobre as crianças nas notícias. As crianças cantavam e diziam coisas importante como: a idade, falavam como é que eles conseguiram cantar muito bem. E nós fizemos jogos sobre notícias.”*

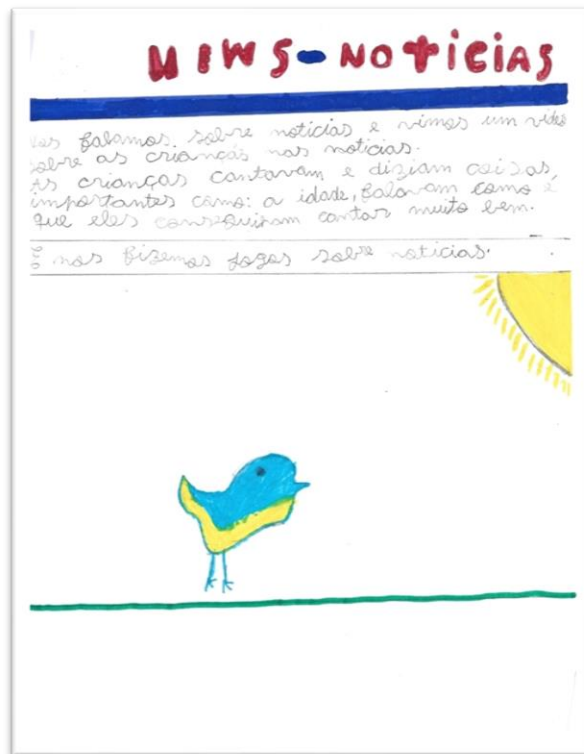


Figura 3 - Desenho do Joel

O Tomás fez um desenho sobre o jornal, mas quando o entregou parecia incompleto. Como queria entregar um desenho, tal como os colegas, resolveu dá-lo, mesmo que incompleto. Desenhou uma cara sorridente, mostrando assim como estava entusiasmado por entregar o trabalho e estava a começar a desenhar uma figura humana, possivelmente um jornalista.



Figura 4 - Desenho do Tomás

O António, o Rodrigo e a Magda entregaram desenhos que representam conteúdos do episódio do Radar XS que foi visualizado na primeira atividade.

No desenho do António, é ilustrado o Cante Alentejano, pois é possível reconhecer um maestro e mais pessoas a cantar, notas musicais e corações. Com este desenho, pode-se perceber que a criança desenhou as personagens à sua imagem. O desenho vem acompanhado por um texto, que não foi possível interpretar totalmente.

Interpretação do texto escrito por António: *“Eu acho que as crianças podem ser o que quiserem, o que os alunos e pais que fizeram e disseram foi fixe e as crianças cantam, eles (...) porque eles cantam bem mas não entendi a parte do (...) que falo eu acho que eu vou ir (...) que falo (...) o que as crianças perdessem o que seria eu acho que sim.”*



Figura 5 - Desenho do António

Já o Rodrigo representou a segunda parte do episódio do Radar XS: o Grafite. No desenho há a representação de um rapaz a grafitar uma parede. O grafite deveria depois formar a palavra “escola”.

É surpreendente que o Rodrigo tenha escolhido representar esta parte do episódio uma vez que foi a que menos gostou. No entanto, no seu desenho está a representação de um rapaz feliz.



Figura 6 - Desenho do Rodrigo

Também a Magda parece querer representar a segunda parte do episódio do Radar XS, o Grafite. Desenha um ambiente ao ar livre (que corresponde ao ambiente do episódio) e uma caixa flutuante. O desenho parece inacabado, uma vez que só desenhou numa metade da folha, mas ao entregar não referiu se estava inacabado ou não.

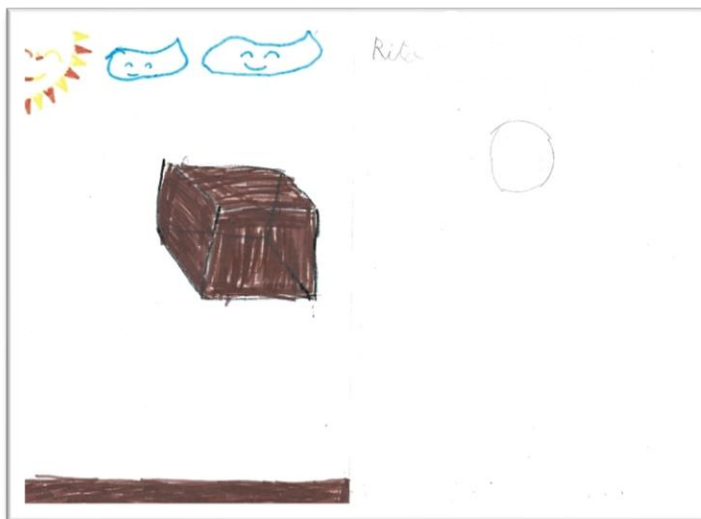


Figura 7 - Desenho da Magda

A Inês foi a única criança que entregou uma “obra” que não cumpria com o que foi pedido: algo sobre notícias ou a atividade em que participaram. Ao invés disso, apresentou uma espécie de livro com a história do Capuchinho Vermelho que, para além das ilustrações, conta também com um texto e que termina com uma dedicatória à investigadora.

Interpretação do texto escrito por Inês:

Folha 1: O Capuchinho Vermelho: Era uma vez

Folha 2: Era uma vez uma menina que vivia junto à floresta. Todos lhe chamavam capuchinho vermelho pois ela andava sempre com uma capa vermelha com capuz.

Folha 3: Como a sua avó estava doente, a mãe pediu-lhe que fosse levar-lhe uma cesta com uns bolinhos. A casa da Avó ficava do outro lado da floresta, onde costumava andar o lobo mau. Por isso, a Mãe disse-lhe:

- Tem cuidado com o lobo mau! Não vás pela floresta, que é muito perigoso. O outro caminho é mais seguro!

Folha 4: O capuchinho vermelho distraiu-se a apanhar um raminho de floresta e acabou por seguir pela floresta, pouco tempo depois a menina foi surpreendida pelo lobo mau. Os dois conversaram e o lobo, como era muito esperto, fez-lhe algumas perguntas, depois de saber para onde ela ia, despediu-se e desapareceu rapidamente. Tinha de ser o primeiro a chegar a casa da avó.

Folha 5: A avó estava deitada, a descansar, e ao ouvir bater à porta perguntou quem era. Usando uma voz fininha e doce, o lobo respondeu:

- Sou eu, avozinha, o capuchinho!

Folha 6: A avó mandou-o entrar e, mal se viu no quarto, o lobo aproximou-se, lançou-se sobre a avó e comeu-a de uma só vez e de seguida, disfarçou-se e deitou-se na cama. O capuchinho vermelho já não devia demorar.

Folha 7: Ao chegar a casa da avó, a menina ficou surpreendida, notou que ela estava muito diferente e quis saber o que se passava:

- Avó, que olhos tão grandes!

- São para te ver melhor, querida netinha! – respondeu-lhe o lobo.

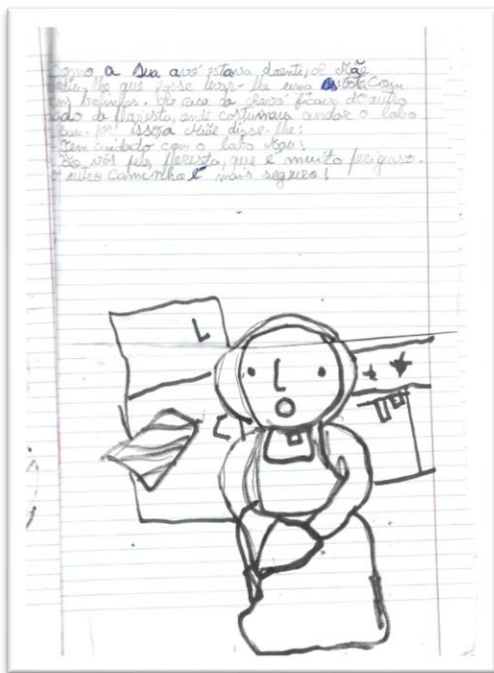
Folha 8: Ao ouvi-la, um caçador quis saber o que se passava e acabou por lhe oferecer ajuda:

- Não te preocupes, querida menina! Esse lobo há de ter o que merece!

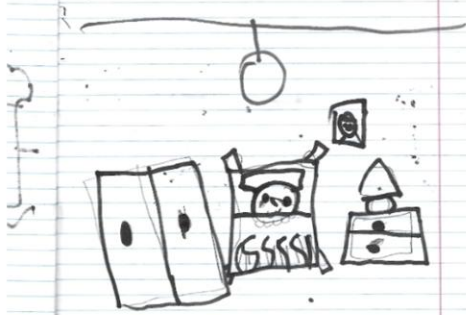
Folha 9: Rapidamente, o caçador conseguiu prender o lobo com uma corda, amarrou-o a uma árvore e, com a ajuda da menina, abriu-lhe a barriga e os dois tiraram a avó lá de dentro. O Capuchinho sentiu-se radiante e a avó ficou muito feliz por estar novamente junto da sua querida neta.

Folha 10: Para Rita

Para Rita. Eu nunca vou esquecer tudo que nos fizeste. Para Rita.



...só estava a falar de coisas e as coisas
...de fazer perguntas que eu não sei responder
...só pergunto e deixo o lobo responder:
...cavaleiro, a rapariga, o capuchinho!



...só quando o lobo e mal se vai no
...lugar do lobo a falar de coisas de
...de não a palavra de não a
...e quando se vai a falar de
...ano. O capuchinho e mal se vai
...de coisas.



...só a casa de não a palavra de não
...de não a palavra de não a
...de não a palavra de não a
...de não a palavra de não a
...de não a palavra de não a



...só a casa de não a palavra de não
...de não a palavra de não a
...de não a palavra de não a
...de não a palavra de não a
...de não a palavra de não a



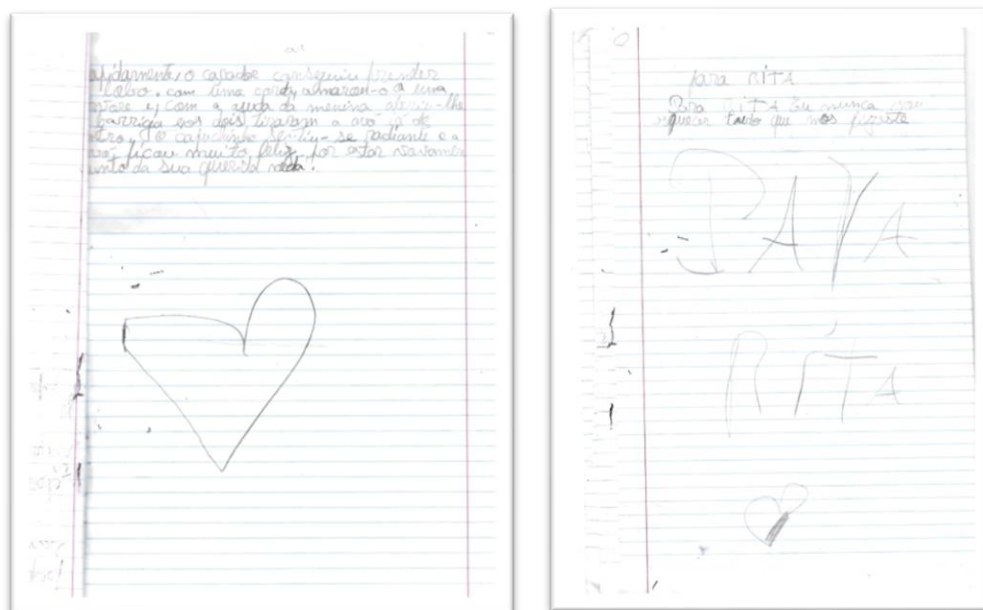


Figura 8 - Desenho da Inês

Pode-se assim concluir que cada criança teve a sua interpretação própria da tarefa, mas tendo em conta os desenhos, todas gostaram de os fazer.

Depois de entregarem os trabalhos, foi realizado mais um momento de conversa, com os dois grupos reunidos, para se falar das obras e se tinham visto mais episódios do Programa, assistindo pela televisão.

Quando questionadas sobre se se lembravam do que tinham visto, algumas crianças responderam que já não, outras pareceram confundir notícias do Radar XS com outras de outros jornais:

- *Eu vi que um casal com um menino e uma menina tiveram um acidente e os pais morreram e eles sobreviveram*” (Magda).

Apenas uma criança, Rodrigo, respondeu: *“Ontem eu vi um episódio e falava sobre pessoas que eram cegas, pessoas que eram mudas”*, o que vai de encontro ao que é exibido no episódio 4 da temporada 7 do Programa Radar XS.

Sobre a possibilidade de participarem num dos episódios do Radar XS e do que gostariam de falar, as respostas divergiram. A Ana mostrou-se muito entusiasmada: *“Eu posso participar??”*, mas o Rodrigo mostrou o seu descontentamento e receio *“Por favor*

não me gravem porque eu ainda sou criança e não tenho idade para aparecer na televisão”.

As restantes crianças falaram sobre o que gostariam que o episódio em que aparecessem consistisse:

- Eu gostava que todas as crianças do nosso país tenham boa família, escola para estudarem e perceberem tudo (Joel);

- Eu iria falar de novas matérias, novas cidades, novas ruas e novas escolas (António);

- Eu ia falar das coisas que iam passar (...) Eu ia falar das pessoas do meu país, se eu gosto do meu país, gosto das pessoas dos outros países diferentes e se eu gosto da escola, se eu gosto das outras coisas (Inês).

A maioria das crianças pareceram entusiasmadas pela possibilidade das suas artes poderem chegar à RTP e da possibilidade de fazerem parte de um episódio, em especial se pudessem falar sobre assuntos de que gostam, como a escola.

7. Discussão

Com os momentos interativos realizados com os grupos de foco, foi possível entender a perspectiva das crianças participantes em relação às notícias e à forma como se relacionam com o jornalismo.

Respondendo ao primeiro objetivo definido – o seu entendimento do que são notícias - foi possível apurar que têm dificuldade em identificar uma notícia escrita. Nenhum participante conseguiu identificar os outros tipos de texto, ainda que estes tivessem formatos muito específicos, como banda desenhada e poesia. Como o tema dos excertos entregues lhes parecia ser sobre “coisas importantes”, interpretaram todos como notícia, uma vez que consideram uma notícia algo que tanto pode ser bom como mau. Isto está em linha com a afirmação de Patrícia Silveira, com pesquisa sobre o mesmo tema, “a partir dos 8 anos, as crianças são capazes de distinguir fantasia de realidade, de compreender que as notícias correspondem a algo que efetivamente acontece e de compreender a relevância social destes assuntos” (*Silveira in Teixeira, 2018, s.p.*).

Ainda sobre notícias, foi possível reconhecer uma diferença na interpretação das mesmas. As crianças do género feminino não mostram receio das notícias a que assistem, à exceção de Inês, que mostrou a sua preocupação. Todas se mostraram interessadas em participar num possível episódio do Radar XS ou de fazerem parte de uma reportagem televisa. Já as crianças do género masculino mostraram-se mais reticentes, com medo e preocupadas com o impacto que as notícias negativas podiam ter para as outras crianças.

Tal vem em linha com o que afirma a psicóloga Cláudia Pereira: “A prática clínica mostra-me que, independentemente da idade, do nível de desenvolvimento e da maturidade, os conteúdos televisivos mediáticos podem interferir com o bem-estar psicológico das crianças e influenciar a sua representação da realidade.” (*Pereira in Teixeira, 2018, s.p.*). Isto permite refletir, uma vez mais, sobre a relevância de existirem conteúdos jornalísticos direcionados para as crianças.

O género pode não ter sido o único fator na interpretação das notícias: as crianças com raízes africanas (mesmo aquelas de nacionalidade portuguesa) mostraram uma maior preocupação em como as notícias podem afetar as crianças e levá-las a “(...) *fazer essas coisas maléficas*” (Joel), ou ainda a acontecer-lhes algo de mal “*há muitas pessoas más no mundo que podem conhecer essas crianças de algum lugar e podem raptar...*” (Rodrigo).

A anterior responsável pela programação infanto-juvenil, Andrea Basílio, defende que, apesar dos conteúdos televisivos poderem influenciar as crianças e a sua perceção da realidade através das representações distribuídas, a perspetiva das crianças sobre determinada notícia está também condicionada pelo seu próprio pensamento, crenças, preconceitos e preocupações, pelo ambiente familiar e discurso, e também pelo ambiente que a rodeia (Basílio, 2018).

Entre as crianças que fizeram parte deste estudo, as que mostraram mais medo/descrença nas “notícias de adultos” podem ver nelas uma representação da sua comunidade de uma forma injusta, seja um pensamento próprio delas ou dos pais. Se assim for, “os órgãos jornalísticos podem ajudar a desmistificar estes assuntos e a fomentar reflexões mais desenvolvidas, ajudando a dissipar noções estereotipadas ou visões discriminatórias” (Leite & Santos, 2024, p. 13). Compreende-se assim a necessidade de notícias para crianças que representem mais do que aquilo que se acredita que deve ser representado, mas sim questionar as crianças sobre o que elas gostavam de saber sobre o mundo e que retratos são importantes representar.

Em relação ao segundo objetivo definido - grau de conhecimento por parte de crianças sobre o programa Radar XS - foi possível aferir que as crianças participantes não conheciam este programa ou, se conheciam, não as tinha impactado. Inclusive, não reconheceram a jornalista Andreia Friaças, a “cara” do Programa Radar XS, o que pode indicar que o programa não está a chegar ao seu público-alvo ou não o está a impactar de forma a ser recordada, pois as crianças reconheceram outros jornalistas, tendo sido José Rodrigues dos Santos o mais reconhecido. Uma vez que um indivíduo comum é capaz de reconhecer, em média, 5 mil caras (*Jenkins in O Globo*, 2018), é provável que as crianças deste estudo nunca tenham visto a cara de Andreia Friaças, nem nenhum episódio do Programa Radar XS, uma vez que não a reconheceram.

Por fim, quanto ao terceiro e último objetivo definido – apreciação crítica de episódio do Radar XS - cada criança, tendo em conta o seu *background* e experiências de vida, parece ter assimilado o programa de forma diferente. Apesar de todas terem ficado entusiasmadas com o primeiro tema do episódio (o Cante Alentejano), não gostaram tanto do segundo tema, o do Grafite.

As crianças mostraram entusiasmo por verem um telejornal feito para elas onde não apareceram notícias “más” e “assustadoras” que “falam sobre coisas que não é para

a idade de crianças”, mas sim um programa onde “as crianças também têm direito à sua opinião, a falar o que elas acham ou que não gostaram”.

Após assistirem a um episódio do Programa Radar XS, as crianças pareceram entusiasmadas por terem um programa só delas, com temas que lhes interessavam e onde as crianças também são ouvidas e elas próprias poderiam, eventualmente, participar.

Ao entregarem as “obras” que foram pedidas após assistirem ao Programa Radar XS, as crianças não mostraram apenas que compreenderam o episódio e que estiveram atentas. Mostraram, sobretudo, a felicidade por fazerem parte de um projeto e serem reconhecidas como um elemento chave. Algumas crianças apresentaram desenhos sobre a atividade ao invés das notícias, expressarem a sua gratidão à investigadora e uma criança entregou ainda um desenho que, apesar de não ir ao encontro do que foi pedido, foi uma forma de expressão da sua criatividade. No entanto, o entusiasmo que as crianças mostraram pelo Programa, ao assistirem a um episódio na atividade e ao terem um “trabalho de casa”, não foi suficiente para que continuassem a assistir a mais episódios. Tal pode revelar que a intervenção e motivação dos pais e da escola para que assistam a este tipo de programas, é essencial. Afinal, mais do que assistir às notícias, as crianças apreciaram o momento de discussão, intervenção e oportunidade de partilharem as suas opiniões e de serem criativos nas suas “obras”.

Conclusão

Com esta pesquisa foi possível perceber que o Programa Radar XS não está, até ao momento, a cativar crianças com 10 anos, uma vez que parecem não saber que este existe. No entanto, após serem incentivadas a assistir, o grupo de participantes mostrou entusiasmo com o programa e entendeu o conteúdo jornalístico que lhes é dedicado, preferindo-o ao conteúdo dos adultos que, segundo estas crianças, têm notícias “más” e “assustadoras”. Apesar do entusiasmo, tal não foi suficiente para que continuassem a assistir a longo prazo a este Programa.

Com esta pesquisa foi possível confirmar que crianças são um grupo com capacidade de terem uma voz ativa, podendo participar nas atividades da sociedade como qualquer outro grupo, como indica Marôpo (2008). As crianças envolvidas nesta pesquisa foram capazes de analisar, discutir e partilhar as suas opiniões sobre o episódio com conteúdo jornalístico que lhes é dedicado, apesar de, no formato escrito, ainda não saberem distinguir qual o formato de uma notícia.

Neste estudo, foi ainda possível perceber como o *background* cultural (diretamente ligado à família) tem impacto na forma como estas crianças entendiam as notícias e o próprio jornalismo. As crianças com origens africanas mostraram-se mais preocupadas com o tipo de notícias dadas e com o impacto que estas poderiam ter noutros jovens que também assistissem ao programa.

Relativamente ao Programa Radar XS, da RTP2, entende-se que este programa tem potencial, uma vez que depois de apresentado às crianças, elas mostraram entusiasmo em ver mais, apesar de isso não ter sido motivo suficiente para continuarem a assistir a longo prazo. Verifica-se que o Programa não é conhecido pela população infantil, pelo menos nesta amostra, o que pode mostrar falhas na comunicação do mesmo. Por isso, revela-se necessário apresentar algumas sugestões tendo em conta o que foi concluído nesta pesquisa.

Sabendo que o Programa Radar XS não está a chegar ao público-alvo, pode-se questionar o “Porquê”: será que as crianças estão a ver noticiários com os pais e, por isso, não assistem a este? Será que o horário em que este programa é exibido não é compatível com o das crianças? Será que o Programa está, afinal, a chegar às crianças mas simplesmente não é memorável? A escola ou os pais devem intervir e incentivar o seu consumo?

Para estas possibilidades, podem ser apresentadas algumas sugestões. Se as crianças estão a ver noticiários com os pais, talvez estes devam ser informados da importância de um noticiário somente dedicado às crianças, pensado para elas e com elas. Pais mais informados podem permitir uma nova rotina de consumo de conteúdo televisivo das crianças, o que não só beneficiaria o Programa Radar XS como as próprias crianças, uma vez que, como o estudo indica, estas crianças acham as “notícias dos adultos” “más” e “assustadoras”. Para além dos pais, também a escola poderia tomar um papel ativo na distribuição destes conteúdos, apresentando-os numa aula, por exemplo, e criar um momento de discussão e debate.

Já se o horário não for compatível com o das crianças, é necessária uma maior aposta na divulgação da opção online, do canal RTP Play, onde as crianças podem assistir a todos os episódios, de forma online e gratuita. Desta forma, seria interessante uma maior divulgação nas redes sociais sobre este Programa e de que forma as crianças podem assistir.

Por fim, no caso do Programa ser pouco memorável, sugere-se o uso de um jingle. Num estudo realizado por Duarte e Cardoso (2011) sobre o uso de jingles nos anúncios publicitários destinados a crianças, concluiu-se que os jingles criam uma relação de proximidade, e que estes ajudam a captar a atenção das crianças, sendo lembrados mesmo quando não estão a ser exibidos. Os mesmos autores referem que uma marca é mais facilmente memorizada se tiver um jingle com “músicas ritmadas, animadas e cantadas” (Duarte & Cardoso, 2011, p. 43) e ainda uma personagem animada. O Programa Radar XS, apesar de ter uma música de entrada, esta não é de memorização fácil, pois não é “cantada” e também não possui uma personagem animada.

Como tem sido referido ao longo desta dissertação, esta pesquisa revela-se importante pois dá palco a um grupo social considerado vulnerável: crianças. Esta pesquisa permitiu obter opiniões, incentivar ao consumo de informação jornalística, refletir sobre o papel da RTP na divulgação de notícias e ainda entender a perceção de crianças de 10 anos sobre o Programa Radar XS. De forma a entender como é que o Programa Radar XS deve comunicar, revela-se importante perceber quais os temas e formatos que as crianças gostariam de consumir, e foi isso que esta pesquisa permitiu entender.

As crianças, como futuro da sociedade, devem ser incentivadas ao exercício da sua cidadania, liberdade de expressão e opinião, para um desenvolvimento saudável, concordante com o futuro adulto responsável, informado e empático que é esperado que seja.

Para esta pesquisa, realizaram-se apenas dois grupos de foco, com crianças de 10 anos que frequentam a mesma escola pública. Apesar de ser uma amostra com variedade, ao nível do género e de *background*, de forma a ter uma melhor perceção se o programa Radar XS está a chegar ao seu público-alvo, seria pertinente proceder a grupos de foco também com crianças das faixas etárias mais jovens, oito e nove anos, e ainda das mais velhas, de 11 e 12 anos. Para além disso, poder-se-ia ainda realizar grupos de foco em escolas privadas para se proceder a uma análise comparativa.

Concluindo, com esta pesquisa foi possível entender de que forma crianças percecionam as notícias, para além daquelas que lhes são dedicadas no jornalismo infanto-juvenil, e de que formas o Programa Radar XS se pode reinventar para garantir que alcança as crianças dos oito aos 12 anos e as ajude na formação da sua cidadania.

Bibliografia

Almeida, A., & Ramos, V. (2018). As crianças nas famílias em Portugal. Em C. Ponte, A. Jorge, A. Almeida, A. Basílio, B. Zaman, J. Simões, . . . V. Ramos, *Boom Digital? Crianças (3-8 anos) e ecrãs* (pp. 15 - 34). ERC - Entidade Reguladora para a Comunicação Social. Obtido de <https://www.erc.pt/documentos/Boomdigital/mobile/index.html#p=2>

Almeida, C. (20 de novembro de 2023). *Portugal é o segundo país com menos crianças da UE e dois em cada dez jovens vivem em situação de pobreza*. Obtido de Expresso: <https://expresso.pt/geracao-e/2023-11-20-Portugal-e-o-segundo-pais-com-menos-criancas-da-UE-e-dois-em-cada-dez-jovens-vivem-em-situacao-de-pobreza-563e6945>

Alon-Tirosh, M., & Lemish, D. (Maio de 2014). Participations: Journal of Audience & Reception Studies. *If I was making the news”: What do children want from news?*, 11(1), pp. 108 - 129.

Barreto, M., Azevedo, R., Alencar, C., & Alcione, L. (2023). *OS IMPACTOS DO TEMPO DE TELA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL*. Obtido de <https://saudeunifan.com.br/wp-content/uploads/2023/04/OS-IMPACTOS-DO-TEMPO-DE-TELA-NO-DESENVOLVIMENTO-INFANTIL.pdf>

Basílio, A. (2018). Na hora de programar: como o ZIG ZAG mantém o seu espírito na onda da convergência. Em A. J. C. Ponte, *Boom Digital? Crianças (3-8 anos) e ecrãs* (pp. 57 - 64). ERC - Entidade Reguladora para a Comunicação Social.

Borges, G. (2007). *Questões de qualidade na RTP2 de Portugal: uma análise dos programas Kulto e Pica*. Obtido de <http://bocc.ufp.pt/pag/borges-gabriela-questoes-qualidade-rtp2.pdf>

Carvalho, F. M. (2014). *Jornalismo Especializado: Jornalismo Infanto-juvenil*. Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Obtido de <http://hdl.handle.net/10362/13722>

Committee on the Rights of the Child. (2 de março de 2021). Convention on the Rights of the Child. *General comment No. 25 (2021) on children's rights*

in relation to the digital environment, pp. 1-20. Obtido de https://dcjri.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/pdf/uncrc_general_comment_25_rights_on_the_digital_environment.pdf

Cruz, C. (2014). *A decisão editorial em televisão : o caso do telejornal da RTP*. Tese de Doutoramento, Lisboa. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.2/3505>

Davis, K. (2023). Early Childhood: Learning self-control in a tech-saturated world. Em K. Davis, *Techology's Child: Digital Media's Role in the Ages and Stages of Growing Up*. Obtido de https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=fsxzEAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA19&dq=child+development+stages&ots=3x26SDz0TR&sig=0jqWXeahaZeQYKB_SUOJu-jbK9A&redir_esc=y#v=onepage&q=child%20development%20stages&f=false

Dias, A., & Borges, G. (2012). Estudos em Jornalismo e Mídia. *Jornalismo para crianças: um serviço público da televisão portuguesa*, pp. 397 - 406. Obtido de https://www.researchgate.net/publication/271161178_Jornalismo_para_crianças_um_serviço_publico_da_televisão_portuguesa

Doretto, J. (2010). *Pequeno leitor de papel: Um estudo sobre Jornalismo para crianças*. Dissertação. Obtido de <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-05112010-113714/publico/3148139.pdf>

Doretto, J. (2014). A relação entre Brasil, Portugal e demais países lusófonos nas pesquisas de comunicação. *Jornalismo para a infância: uma proposta de definição*, pp. 59-72. Obtido de <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36955/21530>

Doretto, J. (29 de Maio de 2017). *A participação das crianças no jornalismo infantojuvenil português e brasileiro*. Obtido de <https://www.redalyc.org/journal/4955/495557701007/html/>

Doretto, J., & Generali, S. (30 de dezembro de 2021). A Colonização do Jogo pelo Capitalismo Neoliberal II. *O consumo de notícias por crianças durante a pandemia da Covid-19: estudo com leitores de um jornal infantojuvenil*, 40(3),

pp. 1 - 21. Obtido de <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/51097/30822>

Duarte, L., & Cardoso, A. (2011). *O Papel do Jingle em Anúncios Publicitários Televisivos Destinados a Crianças*, pp. 27 - 46. Obtido de <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/3166/3/27-46.pdf>

Fernandes, N., & Tomás, C. (setembro de 2011). Theoretical and methodological issues in researching childhood and children's lives. *Questões conceituais, metodológicas e éticas na investigação com crianças em Portugal*, 1 - 18. Obtido de <https://hdl.handle.net/1822/15425>

Ferraz, M. A. (fevereiro de 2017). Saber Humano. *A percepção como premissa para a construção do*, pp. 172-179. Obtido de <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/download/186/207>

Ferreira, A. C. (2023). Jornalismo Infantojuvenil: um estudo nacional para crianças contemporâneas. Em J. P. Sousa, *Jornalismo e Estudos Mediáticos – Memória VI* (pp. 71 - 82). PUBLICAÇÕES FUNDAÇÃO FERNANDO PESSOA. Obtido de https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/11959/1/ebook_mem%C3%B3ria_VI.pdf#page=71

Filol, J. (Julho de 2020). *Radar XS: um telejornal sob o signo da contradição*, 14(4), pp. 158-172. Obtido de <https://hdl.handle.net/1822/74012>

Furtado, T. (05 de 04 de 2016). Jornalismo para crianças: Thais Furtado discute a relação entre mídia, infância e consumo. (L. Storch, Entrevistador) Revista Arco. Obtido de <https://www.ufsm.br/midias/arco/post180>

Godoi, G. (2007). Media & Jornalismo. *Cobrindo políticas públicas sociais: a importância conferida à agenda da infância e da adolescência*, pp. 29-50. Obtido de <https://fabricadesites.fesh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/04/n11-02-guilherme-godoi.pdf>

Haavisto, C., Chajed, A., & Kyllönen, R. (2022). Media and Communication. *Children's News Media as a Space for Learning About Difference*, 10, pp. 256-266. Obtido de <https://www.cogitatiopress.com/mediaandcommunication/article/view/5729>

Kesavelu, D., Sheela, K., & Abraham, P. (2021). *Stages of Psychological Development of Child-An Overview*, 13, pp. 74-78.

Leite, N., & Santos, L. A. (2024). Desafios de investigação em ciências sociais: A relevância social e científica nos projetos de doutoramento. *Jornalismo, política e racismo: O desafio de estudar a representação de minorias étnico-raciais nos média*, pp. 8-23. Obtido de https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/93446/1/2_leite_e_santos.pdf

Lopes, M. (14 de Jan de 2024). *TV, internet, rádio ou jornais, quais são as fontes de informação mais usadas pelos portugueses?* Obtido de Human Resources: <https://hrportugal.sapo.pt/tv-internet-radio-ou-jornais-quais-sao-as-fontes-de-informacao-mais-usadas-pelos-portugueses/>

Marôpo, L. (2 a 6 de setembro de 2008). *Direito das Crianças em Notícia: A Responsabilidade dos Jornalistas - Uma Análise Comparada Brasil-Portugal*, 1 - 15. Obtido de https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/34621015/r3-1113-1-libre.pdf?1409788840=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DDireito_das_Criancas_em_Noticia_A_Respon.pdf&Expires=1715895638&Signature=HARh-vhrgSl3Q178mKJHilMT-w~y1axDCrVOKAQaVw00nHeh9c-6

Martins, P. C., & Pereira, S. (2019). *Os direitos da criança*. CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade Universidade do Minho. Obtido de https://www.byou.ics.uminho.pt/wp-content/uploads/2023/01/2019_Martins_Pereira_OsDireitosDasCriancas.pdf

Miranda, J. (2021). Desafios Ético-Deontológicos do Jornalismo na Era Digital. Em J. C. Correia, & I. Amaral, *De que falamos quando dizemos Jornalismo?* (pp. 79 - 104). LabCom. Obtido de https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=jrJFEAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA79&dq=jornalismo+na+era+digital&ots=ODrpiOJ8wu&sig=D1d_tTlnYW7S5bNYQG6olKJO1uE&redir_esc=y#v=onepage&q=jornalismo%20na%20era%20digital&f=false

Narciso, C., Rodrigues, J., Colella, D., & Fonseca, A. P. (novembro de 2019). Guia para Jornalistas sobre Direitos da Criança. Lisboa: FEC – Fundação Fé e Cooperação. Obtido de <https://www.fecongnd.org/pdf/GuiaJornalistas%20KumpuTeraDiMininesa.pdf>

O Globo. (09 de outubro de 2018). *Quantos rostos diferentes uma pessoa é capaz de reconhecer?* Obtido de O Globo: <https://oglobo.globo.com/saude/ciencia/quantos-rostos-diferentes-uma-pessoa-capaz-de-reconhecer-23142600>

OberCom Reuters Institute for the Study of Journalism. (2022). *Digital News Report Portugal 2022*. Obtido de https://obercom.pt/wp-content/uploads/2022/06/DNRPT_2022_FINAL_14Jun.pdf

Pereira, S., Fillol, J., & Silveira, P. (2015). Explicar o mundo às crianças: análise de espaços noticiosos dirigidos ao público infantojuvenil. Obtido de https://www.academia.edu/108736301/Explicar_o_mundo_%C3%A0s_crian%C3%A7as_an%C3%A1lise_de_espa%C3%A7os_noticiosos_dirigidos_ao_p%C3%BAblico_infantojuvenil

Ponte, C., & Batista, S. (2019). *EU Kids Online Portugal. Usos, competências, riscos e mediações da internet reportados por crianças e jovens (9-17 anos)*. EU Kids Online e NOVA FCSH. Obtido de <https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ERTE/relatorio-final-eu-kids-online.docx.pdf>

Ponte, C., Simões, J. A., Castro, T. S., Batista, S., & Jorge, A. (2018). Capítulo 2 - Educando entre ecrãs. Em C. Ponte, A. Jorge, A. N. Alemida, A. Basílio, B. Zaman, J. A. Simões, . . . V. Ramos, *Boom Digital? Crianças (3-8 anos) e ecrãs* (pp. 35-47). ERC - Entidade Reguladora para a Comunicação Social. Obtido de <https://www.erc.pt/documentos/Boomdigital/mobile/index.html#p=39>

RTP. (s.d.). *KULTO*. Obtido de RTP: <https://www.rtp.pt/programa/tv/p21300>

RTP. (s.d.). *PICA*. Obtido de RTP: <https://arquivos.rtp.pt/programas/pica/page/2/#filters>

RTP. (s.d.). *Radar XS*. Obtido de RTP: <https://www.rtp.pt/programa/tv/p37709>

RTP. (s.d.). *Recordar o “Jornalinho” e o “Caderno Diário”*. Obtido de RTP: <https://media.rtp.pt/agoranos/artigos/recordar-jornalinho-caderno-diario>

Sarmiento, J. (2009). Os olhares da sociedade portuguesa sobre as crianças. Em *Estudos e Relatórios: A Educação das Crianças dos 0 aos 12 anos* (pp. 68-90). Conselho Nacional da Educação. Obtido de <https://hdl.handle.net/1822/66605>

Schirmann, J., Miranda, N., Gomes, V., & Zarth, E. (2019). VI Congresso Nacional de Educação. *FASES DE DESENVOLVIMENTO HUMANO SEGUNDO JEAN PIAGET*. Obtido de https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV_127_MD1_SA9_ID4743_27092019225225.pdf

Silawati, E., & Rahman, M. (04 de setembro de 2024). Procedia of Social Sciences and Humanities. *Character Building of Young Children in Digital Era through Media Literacy Education*. Obtido de <https://pssh.umsida.ac.id/index.php/pssh/article/view/578/456>

Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. (M. d.-G. (DGE), Ed.) Obtido de <https://www.dge.mec.pt/ocepe/index.php/node/71>

Silveira, P. (2012). Crianças e notícias: uma abordagem teórica e enquadramento das principais investigações desenvolvidas entre 2000 e 2001. Em *Os novos caminhos da comunicação* (pp. 57 - 65). Obtido de <https://revistas.sopcom.pt/index.php/comunicando/issue/view/10/9>

Silveira, P. (2019). *Notícias televisivas e públicos infantis: o porquê da aposta em jornalismo segmentado para as crianças*, pp. 48-67. Obtido de https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/63393/1/2019_Silveira_Noticias-televisivas-e-publicos-infantis.pdf

Simões, A. J., Ponte, C., Ferreira, E., Doretto, J., & Azevedo, C. (2014). *Crianças e Meios Digitais Móveis em Portugal: Resultados Nacionais do Projeto Net Children Go Mobile*. CESNOVA. Obtido de

https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/3167316/CICS.Nova_Jos_Alberto_Sim_es_Crian_as_e_Meios_Digitais_M_veis_em_Portugal._Resultados_nacionais_do_projeto_Net_Children_Go_Mobile.pdf

Tavares, R. (26 de março de 2021). Cooperação Judiciária e Relações Internacionais. *Comentário Geral sobre os direitos da criança em ambiente digital*. Obtido de <https://dcjri.ministeriopublico.pt/destaque/comentario-geral-sobre-os-direitos-da-crianca-em-ambiente-digital>

Teixeira, S. (20 de dezembro de 2018). *As crianças devem ver as notícias?* Obtido de Notícias Magazine: <https://www.noticiasmagazine.pt/2018/as-criancas-devem-ver-as-noticias/estilos/comportamento/218782/>

Tomás, C. (2012). Da Investigação às Práticas, II. *Direitos da criança na sociedade portuguesa: qual o lugar da criança?*, pp. 118 - 129. Obtido de <https://ojs.eselx.ipl.pt/index.php/invep/article/download/45/45>

UNICEF. (2019). *Convenção sobre os Direitos da Criança e Protocolos Facultativos*. Comité Português para a UNICEF Edição revista 2019. Obtido de https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf

Lista de Figuras

Figura 1 - Desenho da Ana	36
Figura 2 - Desenho da Maria	37
Figura 3 - Desenho do Joel.....	38
Figura 4 - Desenho do Tomás.....	39
Figura 5 - Desenho do António	40
Figura 6 - Desenho do Rodrigo	40
Figura 7 - Desenho da Magda	41
Figura 8 - Desenho da Inês.....	45

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Composição dos grupos de foco	26
--	----

Anexos

Anexo I - Cimeira do Clima: activistas manifestam-se em silêncio em Bacu

Manifestantes, munidos de cartazes com palavras de ordem, entoaram durante cerca de uma hora um canto sem palavras, murmurando apenas “humhumhum”. Foram proibidos pela organização de cantar ou gritar.

Cerca de 500 activistas manifestaram-se hoje em frente ao plenário, na conferência do clima, em Bacu (Azerbaijão), num protesto em que foram proibidas as palavras de ordem ou canções.

Os manifestantes, munidos de cartazes com palavras de ordem, entoaram durante cerca de uma hora um canto sem palavras, murmurando apenas “humhumhum” a vários ritmos, depois de terem sido proibidos pela organização de cantar ou gritar.

Organizados em cordões humanos, que ladearam os dois lados do pavilhão, os activistas exigiram justiça climática, o fim dos combustíveis fósseis e, sobretudo, a tomada de decisões por parte dos países que participam na COP29.

(...)

Anexo II – Poema das Árvores

As árvores crescem sós. E a sós florescem.

Começam por ser nada. Pouco a pouco
se levantam do chão, se alteiam palmo a palmo.

Crescendo deitam ramos, e os ramos outros ramos,
e deles nascem folhas, e as folhas multiplicam-se.

Depois, por entre as folhas, vão-se esboçando as flores,
e então crescem as flores, e as flores produzem frutos,
e os frutos dão sementes,
e as sementes preparam novas árvores.

E tudo sempre a sós, a sós consigo mesmas.

Sem verem, sem ouvirem, sem falarem.

Sós.

De dia e de noite.

Sempre sós.

(...)

Anexo III – As Alterações Climáticas & Outras Ameaças Ambientais: ideias incríveis para ajudar

O nosso planeta está a aquecer demasiado e depressa demais o que provoca um clima descontrolado e temperaturas extremas, que por sua vez perturbam o delicado equilíbrio da vida na Terra. São as alterações climáticas e a culpa é nossa. Mas, já que somos a causa, podemos também ser a solução.

Antes de agir, vamos mergulhar nos oceanos e descobrir as causas do seu aumento de temperatura e de como essa alteração prejudica a Terra. Vamos abrigar-nos das super tempestades, aguentar o calor dos desertos escaldantes e olhar para o céu para examinar os gases prejudiciais que nos causam tantos problemas.

As cotas polares estão a derreter rapidamente com o nível do mar a subir e as ondas de calor a assolarem a terra. Os furacões que varrem os oceanos são extremamente fortes e as chuvas catastróficas arrasam terras de cultivo e até cidades.

(...)

Anexo IV - Financiamento contra alterações climáticas "não é uma esmola".

Guterres pede "união" dos países na COP29

O secretário-geral das Nações Unidas fez um último apelo dramático para o sucesso da Cimeira do Clima que, esta sexta-feira, termina em Baku, no Azerbaijão. Perante os jornalistas, António Guterres, afirma que “o sucesso da COP29 não está garantido”, mas “o fracasso não é uma opção”.

O acordo para um novo objetivo de financiamento climático ainda não saiu da fase de rascunho. O texto que circula em Baku não dá um número preciso dos valores a disponibilizar pelos países desenvolvidos, mas o que se sabe é que esta será uma verba bastante superior aos 100 mil milhões de euros que os países ricos se comprometeram a fornecer durante o período de 2020 a 2025.

Agora, a diplomacia do clima, em vez de milhares de milhões de euros, já fala em biliões. Para tentar desbloquear o impasse, António Guterres foi a Baku explicar que o “o financiamento não é uma esmola, é um investimento contra a devastação que o caos climático desenfreado nos irá infligir”.

(...)

Anexo V – O Jogo das alterações climáticas

O MUNDO ESTÁ A MUDAR. POSEMOS SENTI-LO NO AR. POSEMOS VÊ-LO NA ÁGUA.

CONTINUAMOS A POLLUIR A ATMOSFERA E A SOFRER AS CONSEQUÊNCIAS.

E NINGUÉM SE LEMBRA COMO ERA ANTES DISSO...

SAHÁ, PRECISO DE MAIS INFORMAÇÃO. LEMBRAR-ME, POR FAVOR!

QUERES PROTETOR SOLAR?

PARA ISSO, PRECISAMOS DE MUDAR MUITA COISA PARA REDUZIR O USO DESTES COMBUSTÍVEIS.

OK, JÁ DÁVI O SUPLENTE.

CERCA DE 80% DA ENERGIA USADA NO MUNDO ANDA PROVIEM DE COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS.

Fonte de Energia	Porcentagem
Petróleo	31,6%
Carvão	27%
Gás Natural	22,8%
Energia Nuclear	4,9%
Energia Hidroelétrica	2,5%
Biocombustíveis/resíduos	9,2%
Renováveis	2%

FONTE: INTERNATIONAL ENERGY AGENCY (2018).

APÊNDICES

Apêndice I – Crachá exemplo

